

caderno do PROPIS



PROGRAMA DE
PSICANÁLISE E
INTERFACE SOCIAL

Projetos ativos

1- Vivendo a cidade

Coordenadora: Maria Teresa Rocha

2- Agentes sociais da Liberdade

Coordenadora: Flavia Strauch

3- Mais uma vez era uma vez

Coordenadora: Wania Cidade

4- Rádio Mec

Coordenadora: Sônia Eva Tucherman

5- O viver e a doença

Coordenadora: Sonia Bromberger

O Programa de Psicanálise e Interface Social da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (PROPIS/SBPRJ) foi criado em 2006, dando continuidade ao projeto Comunidade e integrando vários grupos de trabalho da SBPRJ, visando atender à crescente demanda dirigida à nossa instituição por alguns setores sociais. .

Nossos objetivos são: ampliar o espaço de atuação dos psicanalistas através do desenvolvimento de projetos que se realizam, em geral, em enquadres diferentes dos habituais; promover estudos e pesquisas que contemplem o entendimento da construção dos sujeitos no mundo contemporâneo; contribuir para a inclusão do pensamento psicanalítico na elaboração e gestão de políticas públicas; estabelecer interlocução com outros campos do saber que se debruçam sobre a subjetividade.

As novas relações político-econômico-sociais geram impasses que exigem novos modos de fazer e pensar. A exacerbação do individualismo com o esgarçamento das redes sociais, a imprevisibilidade e instabilidade sociais, o recurso a soluções instantâneas e superficiais têm favorecido o adoecimento dos sujeitos exigindo a presença da psicanálise em novos cenários. Buscando favorecer essas reflexões e abrindo o diálogo com diversas áreas do conhecimento, realizamos em 2007 e realizaremos, agora, em outubro de 2009, o evento "Rio, que cidade é essa?" em parceria com o Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FCC/UFRJ).

O desafio do PROPIS é manter o lugar privilegiado da escuta do inconsciente, sustentado na metapsicologia, oferecendo novas formas de intervenção que dêem conta da prática clínica contemporânea.

ÍNDICE

- INTERVENÇÕES CLÍNICAS NA COMUNIDADE.
PROGRAMA DE PSICANÁLISE E INTERFACE
SOCIAL - PROPIS/SBPRJ** pág. 4
Equipe: Eloá Bittencourt Nóbrega, Flávia Costa Strauch,
Liana Albernaz de Melo Bastos, Maria Elisa Alvarenga,
Maria Teresa Naylor Rocha, Munira Aiex Proença, Sonia Eva
Tucherman, Sonia Cecília Bromberger, Wania Maria Coelho
Ferreira Cidade
- PSICANÁLISE E INTERFACE SOCIAL** pág. 28
Liana Albernaz de Melo Bastos
Munira Aiex Proença
- PSYCHOANALYSIS AND SOCIAL INTERFACE:
BRAZILIAN PROJECTS** pág. 44
Liana Albernaz de Melo Bastos
Munira Aiex Proença
- PSICANÁLISE E INTERFACE SOCIAL:
EXPERIENCIA EM FAVELAS DO RIO DE JANEIRO** pág. 53
Maria Teresa Naylor Rocha
- INVISÍVEIS SOCIAIS** pág. 71
Flavia Costa Strauch
- EJE TEMÁTICO: COMUNIDAD Y CULTURA
INVISIBLES SOCIALES*** pág. 83
Flavia Costa Strauch

INTERVENÇÕES CLÍNICAS NA COMUNIDADE. PROGRAMA DE PSICANÁLISE E INTERFACE SOCIAL - PROPIS/SBPRJ

Equipe: Eloá Bittencourt Nóbrega, Flávia Costa Strauch, Liana Albernaz de Melo Bastos, Maria Elisa Alvarenga, Maria Teresa Naylor Rocha, Munira Aiex Proença, Sonia Eva Tucherman, Sonia Cecília Bromberger, Wania Maria Coelho Ferreira Cidade.

- Apresentação do PROPIS

A Psicanálise, como um saber que diz respeito ao humano, não pode ser indiferente ao seu tempo histórico. Os sujeitos e as relações sociais, produtos da cultura que são, sofrem reconfigurações. As novas relações político-econômico-sociais instaladas pela crise civilizatória do século XXI implicam em problemas que demandam novos modos do pensar e do fazer. Os modelos vigentes são insuficientes. Mudanças imprevisíveis

e constantes alteram o anteriormente estabelecido.
(Baumann,2001)

Assim, a Psicanálise tem sido convocada a pensar essas questões juntando-se às outras áreas de conhecimento envolvidas.

A imbricação entre o social-histórico e o indivíduo se manifesta na experiência clínica dos psicanalistas. Ao lado das formas, já conhecidas desde Freud, do sofrimento humano, outras expressões clínicas que escapam à representabilidade se apresentam no cotidiano dos consultórios: patologias do vazio, drogadições, transtornos alimentares, pânico etc. Retratam, na singularidade de cada sujeito, as marcas do desamparo traumático provocado pelos traços marcantes dos tempos atuais: instabilidade, inconstância, fragmentação e exacerbação do individualismo. (Bastos&Proença, 2006)

Advinda de vários setores da sociedade em geral, a demanda pela Psicanálise se faz presente também em outros cenários. As instituições psicanalíticas e os psicanalistas têm sido

procurados para que se manifestem e/ou atuem em situações até então consideradas como de responsabilidade dos setores “sociais”. Percebe-se que, se desde sempre, o homem sofreu do desamparo inerente à sua condição, este, na contemporaneidade, se revela de forma mais cruenta na medida em que as redes sociais se encontram esgarçadas e incapazes de contê-lo e acolhê-lo. O adoecimento individual também revela o adoecimento social.

Compromissada com a promoção da saúde, a Psicanálise tem contribuição relevante a dar neste contexto. Inclui desde a crítica da contemporaneidade até a elaboração de novas estratégias para intervenções psicanalíticas que contemplem as expressões clínicas dos que nos procuram nos consultórios atualmente. E ainda, face à essa crescente solicitação das várias instâncias sociais aos psicanalistas, a teoria da técnica deve ser revisitada para sustentar as intervenções realizadas em espaços para além do habitual enquadre dos consultórios.

A abertura para novos cenários não significa abrir mão do rigor dos fundamentos teóricos psicanalíticos. Trata-se de buscar desenvolvimentos técnicos que atendam aos novos objetos. A SBPRJ, em 2006, criou o Programa de Psicanálise e Interface Social (PROPIS) que pretende ser, ao mesmo tempo, um instrumento de divulgação da Psicanálise e uma renovação de seu campo de saber e prática, ampliando a clínica psicanalítica. Um dos desafios da psicanálise do século XXI é contemplar a prática no trabalho do analista, seja no interior do *setting*, como também fora dele.

A intervenção do psicanalista para além do dispositivo divã-poltrona aponta para a fecundidade de estender nosso campo para outros domínios, repensando a função do analista. É possível conservar a especificidade metapsicológica da psicanálise, seu modo essencial de apropriação do material analítico, mesmo quando ele não foi obtido mediante associação livre no contexto analista-paciente e sequer existe o *paciente* da acepção tradicional. Trata-se de uma nova demarcação do campo analítico.

II. Desafios e inovações técnicas

O PROPIS reuniu as atividades desenvolvidas há mais de dez anos pelos psicanalistas da SBPRJ em parcerias com ONGs, visando atender à demanda dirigida à instituição por alguns setores sociais. São programas de reinserção social de ex-apenados, pacientes portadores de doenças crônicas, divulgação radiofônica e pela imprensa escrita do saber psicanalítico, atendimento psico-pedagógico-cultural a crianças de comunidades de baixa renda e atividades de animação-livros com crianças em idade escolar e seus pais.

Sabemos que cada uma das atividades listadas tem suas especificidades que vão do manejo teórico-técnico até questões éticas. O que as reúne, no entanto, e permite uma abordagem comum é o pressuposto teórico do trauma revisitado na contemporaneidade. Nos sujeitos atendidos pelo PROPIS, além do excesso pulsional, as repercussões da sociedade traumatogênica são neles agravadas por suas fragilizações que dificultam e/ou corroem as estruturações narcísicas. (Bastos, 2006) Doenças crônicas e incapacitantes, exclusão social, desamparo infantil etc implicam numa

vulnerabilidade maior aos excessos traumáticos. O evento traumático é a conjunção dos “excessos” tanto da realidade material quanto da psíquica mantida pela repetição. A dor psíquica experimentada vem pela ausência de sentido, pela impossibilidade de representar.

O ato psicanalítico no que se refere ao traumático busca propiciar a criação de sentidos. O analista funciona como uma “membrana para-excitatória” para que o sujeito possa estabelecer ligações, inscrevendo psiquicamente e transformando em representável o irrepresentável. A criação de sentidos inclui a presença encorpada do analista, seu acolhimento, sua escuta, sua fala. O analista está lá, corpo e afeto, oferecendo-se como um “espaço analítico transicional”, um “dentro-fora”. O “setting” é portátil, pois se materializa na presença viva e vitalizada do analista, num face a face que permite espelhamentos narcísicos reparadores. Esta vitalização que emana do analista gera a erotização instituinte das representações.

O trabalho se dá a partir das condições oferecidas pelos sujeitos e pelas instituições. Desse modo, o fazer analítico se dá fora do enquadre habitual dos consultórios, em qualquer espaço, em grupos ou não, com duração e periodicidades contratadas a partir de cada situação. A regularidade e a permanência permitem aos sujeitos confiar e estabelecer uma relação transferencial possibilitadora de mudanças pela criação de novos sentidos de existência. (Bastos&Proença, 2006).

Vejamos como isso se dá em cada um dos projetos do PROPIS.

III- Projetos do PROPIS

I- MAIS UMA VEZ... ERA UMA VEZ...

Coordenação: Wania Cidade e Claudia Brandão

Trata-se de uma atividade de animação de livros desenvolvida com grupos de crianças das comunidades circundantes à

SBPRJ), na presença de adultos cuidadores (parentes próximos da criança/professores). No *Mais uma vez... Era uma vez...* se constrói um espaço cultural onde o imaginário da criança é estimulado pela literatura infanto-juvenil, facilitando a estruturação do pensamento, o acesso à simbolização e o processo de formação emocional da criança.

O conjunto de regras que estruturam a atividade/*setting* tem correspondência com o método psicanalítico. É permitida a escolha livre dos livros e das histórias que serão animadas pela narradora/psicanalista; as histórias podem ser repetidas, na mesma sessão, quantas vezes forem solicitadas pelos participantes; as crianças podem chegar para atividade a qualquer momento, dentro do período estabelecido e suas respostas, frente às narrativas, são acolhidas e significadas pela coordenadora quando a necessidade se impõe tecnicamente. Instala-se uma dinâmica grupal.

A atividade possibilita à criança o aumento de sua capacidade para lidar com as frustrações inerentes ao processo de diferenciação em relação aos pais, ao crescimento e à vida. O

terreno é o das fantasias e devaneios presentes nos contos de fadas e nas histórias infanto-juvenis. Reis, rainhas, heróis e heroínas possibilitam travessias e elaborações edípicas, presentes nos romances familiares criados pelas crianças. Os sentimentos ambivalentes relativos ao Édipo levam às crianças a imaginarem histórias e teorias para darem conta de suas ansiedades.

A multiplicidade das tramas, que envolvem o bem e o mal, o forte e o fraco, o belo e o feio, a extroversão e a timidez, a inveja e a admiração, assim como a diversidade de papéis que os personagens assumem, permitem a elaboração dos conflitos e é potencializada pela intervenção da coordenadora/psicanalista.

2- *O VIVER E A DOENÇA*

Coordenação: Sonia Bromberger

O VIVER e a DOENÇA é um projeto concebido à partir de uma parceria entre a SBPRJ e a ACAM (Associação Carioca de Mucoviscidose), com apoio do Ministério da Saúde através

do Instituto Fernandes Figueira _ hospital referência pela O.M.S para o diagnóstico e tratamento da Fibrose Cística, em crianças e adolescentes.

Também conhecida por mucoviscidose, é uma doença genética recessiva, potencialmente fatal e não contagiosa, que atinge principalmente pulmões e pâncreas. Popularmente é a chamada “doença do beijo salgado”, devido ao acúmulo de sais na pele do portador. Ainda não tem cura, mas é controlável com tratamento contínuo à base de medicamentos específicos, fisioterapia respiratória e adequado programa nutricional.

O projeto O VIVER e a DOENÇA tem como objetivo criar e oferecer condições de intervenção psicoterapêutica aos familiares dos portadores de fibrose cística, instrumentando-os a lidar com suas ansiedades e a se organizarem frente ao trauma que o diagnóstico, seguido de prolongado e sofrido tratamento, produz. A estratégia e metodologia baseiam-se principalmente na teoria dos Grupos Operativos de Bleger(

1971), e no seu conceito de vínculo. O grupo operativo foi empregado para funcionar como suporte e campo de elaboração dos efeitos traumáticos da doença nas famílias, favorecendo a que cada participante, pelo uso da palavra, se outorgasse o lugar de porta-voz e intérprete do próprio sofrimento, de modo a desenvolver ou recuperar a capacidade de lidar mais ativa e integradamente com o processo ininterrupto de tratamento que a doença requer por toda a vida.

No seu acontecer em reuniões mensais de hora e meia sob a coordenação de duas psicanalistas, os próprios integrantes nomearam o grupo operativo de “a roda da psicanálise”, que se configurou para eles como um espaço de escuta psicanalítica, ao mesmo tempo em que de encontro e trocas interpares, para expressão de suas dúvidas, angústias e competências, possibilitando-lhes tecer suas próprias histórias da doença. Ter a palavra para si e sua história ouvida e partilhada com os outros, adquire valor de um ritual de inclusão que oficializa para cada um do grupo um lugar

simbólico: marca de alguém afetado singular e coletivamente pelo trauma e efeito da doença-FC em sua vida.

Ao dar voz às ansiedades, aos fantasmas expressos em perguntas — das mais ingênuas às mais complexas, ao choro contido ou irrompido franco, intensas emoções são mobilizadas nos participantes e também nas psicanalistas coordenadoras. Aquele que assume ser seu próprio porta voz passa a ter conhecido e re-conhecido o seu nome próprio e o de seu lugar de origem, e, sobretudo, o nome do filho ou parente com fibrose cística. O “doente” emerge do anonimato para ser re-conhecido por *seu* nome, idade e breve histórico da doença. Ganha ali uma identidade que se inscreve no grupo, ocorrendo uma efetiva participação grupal. Os impasses, as dúvidas e perguntas trazidas para “a roda da psicanálise” funcionam como fator aglutinador de experiências, semelhantes ou diversas, e que ao serem relatadas produzem a experiência de compartilhamento: o grupo operativo adquire assim uma função de *holding*, de

continente grupal. É o grupo exercendo sua função de “envelope grupal”, ou de *buffering* (proteção).

Diferente de um grupo psicoterapêutico clássico, o propósito precípua do grupo operativo não são mudanças na estrutura de personalidade e nos mecanismos de defesa, mas basicamente ajudar as pessoas que o integram a se confrontarem com o problema comum que as aflige, que é a vivência da entrada da doença-FC em suas vidas. Todos se defrontaram com um impacto traumático, cujo efeito primeiro é uma crise, cujo grau de gravidade varia amplamente.

Considera-se que o trabalho no grupo operativo é pertinente e cumpre uma função terapêutica, na medida em que vem dar sentido ao que carecia dele, operando com a palavra que confere significado ao sem sentido, ao *inominável*, que é a doença. A avaliação dos resultados dessa experiência de 5 anos permitiu considerar que esta abordagem tem efeitos terapêuticos e se presta para o atendimento a inúmeras outras patologias crônicas.

3- VI VENDO A CIDADE

Coordenação: Maria Teresa Naylor Rocha

É imenso o número de pessoas que, apartadas da vida social e cultural de sua cidade, sentem-se relegadas à condição de invisíveis sociais que nada teriam a dizer e de quem nada teríamos a escutar. O estado de “não-cidadania” compromete o processo de humanização individual e coletivo, e o mundo deixa de se apresentar como referência provocadora para estimular a curiosidade. Esta condição acaba por provocar uma ferida narcísica advinda do sentimento de impotência e vergonha

A experiência de invisibilidade, perpetuada por gerações, também compromete o exercício das funções parentais. A parentalidade organiza o pensamento dos pais em relação a eles mesmos e a seus filhos, assim como eles se organizam no jogo do desejo vinculado ao casal parental. A função da parentalidade necessita de preparo e aprendizagem, não no sentido pedagógico de domínio racional, mas de intenso

trabalho psíquico consciente e inconsciente promovido pela continência das redes sociais.

Partindo destas concepções, o projeto VI VENDENDO A CIDADE desenvolve atividades para atender às demandas de lideranças sociais, de comunidades de baixa renda da cidade do Rio de Janeiro, preocupadas com o isolamento e desconhecimento dos espaços públicos de suas crianças. Utiliza-se como mediador o capital artístico e cultural, com suas múltiplas possibilidades de significados, para estabelecer pontes de convivência entre as áreas da cidade. A imaginação e a interpretação do patrimônio da cidade criam um sentido compartilhado que pode auxiliar na construção da subjetividade.

As oficinas e os passeios pela cidade são coordenados por um psicanalista cuja função seria fornecer elementos de indução da capacidade de pensar, através do estabelecimento de um campo transferencial com as crianças, seus familiares, as lideranças e os arte-educadores. O objetivo é poder se atingir um conhecimento baseado em sentir, imaginar, fazer,

significar, envolvendo todo o sistema de afetos que organiza e redimensiona as sensações corporais.

Este complexo processo de integração e crescimento dialógico entre as subjetividades e a obra de arte busca criar um impacto emocional de espanto e curiosidade. Desta forma as crianças tornam-se receptivas a diferentes e novas formulações abstratas de conhecimento imaginativo. Nossa experiência reafirma a convicção de que brincar é uma forma de pensar.

A abertura de perspectivas às novas compreensões do mundo também favorece a inter-relação familiar e o necessário espelhamento dos pais para com suas crianças. Neste sentido o projeto funciona como estratégia de recomposição da rede social, tarefa que –cremos- os psicanalistas não podemos nos furtar a realizar.

4- *AGENTES SOCIAIS DA LIBERDADE*

Coordenadora: Flavia Costa Strauch

Atividade grupal desenvolvida com egressos do sistema penal, participantes de um projeto municipal de capacitação

com vistas à inserção social. O método utilizado é de grupo operativo semanal, em que a escuta diferenciada, psicanalítica, privilegia o conteúdo latente do discurso e temas que surgem em cada encontro. A escolha desse método se deve ao fato de favorecer a unidade dos membros quanto ao objetivo comum, qual seja, a conquista da inserção social.

Livres para freqüentar ou não tal atividade, a maioria opta por participar. Essa flexibilidade se respalda no “timing” de cada egresso. Compreende-se a resistência dos não participantes como sentimentos persecutório, natural frente ao desconhecido, acrescido, nesse caso em particular, das vivências traumáticas de exclusão em que se encontram e sempre se encontraram. Como, por exemplo, relata um deles: “Dra. a pior condenação, não é a sentença do juiz, mas a da sociedade que nunca nos perdoa.” A psicanálise tem sido um vetor de valor inestimável no resgate da humanidade do grupo, uma vez que, através dela, possibilita-se a compreensão sem julgamento das motivações que seduziram essas pessoas à “passagem ao ato.”

O grupo é oriundo de meio ambiente precário em todas as instâncias. Em sua maioria, pertencem ao gênero masculino e são órfãos da figura paterna. Serem vistos e escutados, com continuidade no tempo e no espaço, tem propiciado o surgimento de “concern”, aproximando-os entre si, facilitando a constituição de um grupo com interesses, necessidades, direitos e deveres semelhantes. Nesse espaço de reflexão, sentem-se estimulados a tornarem-se cidadãos cuja evolução se apresenta nos novos rumos desejados e ardentemente buscados.

Se o sofrimento humano na contemporaneidade se apresenta através de diferentes representações, a transgressão à ordem social é uma demonstração da desilusão da pós-modernidade. E a psicanálise é um instrumento poderoso para a elaboração desse luto pós-iluminista. O acolhimento ofertado pelo psicanalista tem fornecido contenção dos impulsos agressivos expressos no discurso manifesto, contaminado de desconfiança, vingança e, por vezes, desafios. Os fenômenos do campo transferencial são complexos, mobilizando fantasias primitivas.

Essa forma inédita de atenção aos egressos tem contribuído sobremaneira no decréscimo da reincidência ao crime dos seus participantes auxiliando, ainda que de maneira incipiente, a construírem suas vidas sobre novos pilares que não os da violência e/ou transgressão.

5- ESCUTAR E PENSAR

Coordenadora: Sonia Eva Tucherman

Colaboradoras Maria Elisa Alvarenga e

Eloá Bittencourt Nobrega

É da passagem da hipnose para a *talking cure*, do olhar para a escuta, que a psicanálise se constitui. Desde a cura pela palavra, a fala e a linguagem ocupam um lugar central na teoria e prática freudiana. A experiência clínica de Freud com as histéricas o fez perceber que seus sintomas eram plenos de significação. A associação livre de idéias era a chave para que o inconsciente se tornasse consciente. Instalava-se aí, a possibilidade dos sintomas, sonhos e lapsos serem “lidos” pelo analista a partir da sua escuta.

Em o “Ego e o id”, Freud (1923) nos diz que “a palavra é essencialmente o resto-de-recordação da palavra ouvida”, ou seja, do que já foi percepção acústica. É pelo intermédio das representações-de-palavras que os processos do pensar se tornam percepções. A palavra por seu efeito de atração ou rejeição, conforme é percebida, pode traduzir as pulsões em representações psíquicas. Essa capacidade de captura das excitações do aparelho psíquico, sempre, referida ao tempo presente, do aqui e agora, dá ênfase às vicissitudes da experiência do sujeito.

Essas vicissitudes na contemporaneidade têm levado o sujeito a impasses, a regressões e a adoecimentos, pela incapacidade de criar representações devido ao empobrecimento de recursos simbólicos que dêem conta do excesso. Para Joel Birman, na pós modernidade, o pensamento perde sua lógica de conflitualidade e na sua suspensão, “são os registros do corpo, da ação e do sofrimento que passam a se avolumar no psiquismo, impossibilitando as simbolizações”.

Acreditando que a psicanálise pode ser um instrumento valioso para a promoção da saúde, a SBPRJ em parceria com

a rádio MEC, implementou o programa de rádio “Escutar e pensar”, no ar há 7 anos. Este trabalho envolve um número considerável de pessoas: os técnicos da Rádio, a equipe de psicanalistas da SBPRJ — coordenação geral, coordenação de produção, equipe de redatores, psicanalistas debatedores —, além de convidados de outras áreas e psicanalistas filiados a outras instituições. Com um tema novo a cada semana, o programa *Escutar e pensar* foi transmitido com janelas diárias de aproximadamente 7 minutos de segunda a quinta e debate interdisciplinar de uma hora, ao vivo, às sextas-feiras.

Os textos, escritos por psicanalistas, numa linguagem acessível, são construídos de modo a permitir múltiplas interpretações pelo ouvinte. Eles contemplam a universalidade dos fenômenos psíquicos, abordando as questões emocionais sem a pretensão pedagógica de ditar o que é certo ou errado. Este formato permite ao sujeito se apropriar dos textos de acordo com a sua singularidade e dar novos destinos para seus impasses existenciais. O “texto analítico” funciona como uma rede social de amparo, acolhimento e ressignificações.

A regularidade do programa, os temas abordados, a voz do locutor, sempre a mesma, facilitam a instalação da transferência. Na ausência do olhar, a palavra pode ser percebida de acordo com a expectativa de cada um. A voz, através da qual o locutor exerce sua função nunca é experimentada como neutra pelo ouvinte. A voz traz em si uma entonação, um acento que aciona o imaginário do ouvinte. Cria-se, portanto, um vínculo especialíssimo do ouvinte com o locutor com quem se encontra, caso queira, sempre no mesmo horário. Ele é ao mesmo tempo a pessoa que ouve e é ouvido, na medida em que se identifica com aquilo que escuta. Um *setting* único para suas aflições, podendo ouvir em silêncio ou interagir — o ouvinte “falante”, ativo, que telefona, escreve, dialoga e acaba por ser conhecido pelo nome. A rádio “fala” com o ouvinte, responde às questões que, mesmo se não dirigidas a ele diretamente, lhe dizem respeito. Há redução de sofrimento psíquico quando se tem a possibilidade de ouvir e ser ouvido ou intercambiar intimidades.

Ainda que aparentemente os programas radiofônicos e os livros editados não se enquadrem como intervenção psicanalítica consideramos que também aí o instrumental psicanalítico produz efeito. Convida-se o ouvinte/leitor a refletir, com a suspensão do julgamento moral, sobre novos sentidos para o sentir e o viver.

Parafraseando Freud em sua carta a Einstein (1933), tudo que contribua para estabelecer vínculos afetivos entre os indivíduos, impulsiona à evolução cultural e certamente atuará contra a violência e a violenta exclusão social, um dos males graves da atualidade. A possibilidade de refletir sobre si mesmo e o mundo a sua volta permite ao indivíduo ampliar seus recursos frente a situações de angústia utilizando a reflexão mais que o ato.

Bibliografia

Bastos, Liana A.M. “Exclusão social: aspectos traumáticos da violência contemporânea. Revista Brasileira de Psicanálise, vol 39, no. 4, 2006, pp57-60

Bastos, Liana A.M. & Proença, Munira A. "Psicanálise e Interface Social". TRIEB/Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, V.V, nº 2 (jun/dez2006), pp205-220

Baumann, Z (2001) Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Bleger, J. (1971) Grupos operativos em La enseñanza. In Temas de Psicología, Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.

Freud, S (1923/1986) El yo y el ello. In S. Freud, Obras Completas (vol 19) Buenos Aires: Amorrortu Editores.

Freud, S. (1933/1986) Por qué la guerra? In S. Freud, Obras Completas (vol 22) Buenos Aires: Amorrortu Editores.

Psicanálise e Interface Social

Liana Albernaz de Melo Bastos

Munira Aiex Proença

Tempos de ontem e de hoje

O século XXI perdeu os referenciais seguros e estáveis dados pelas categorias universais do mundo moderno. Os valores burgueses do mundo moderno, consagrados pela Revolução Francesa, fundados na razão iluminista, perderam a universalidade e deixaram de ser referência ética. Na contemporaneidade, o cenário é determinado pela globalização.

Para Baudrillard (2003), a globalização refere-se ao mercado, à tecnologia, ao turismo e à informação. A globalização não se confunde com a universalidade. Legado do Iluminismo e característica da modernidade, a universalidade diz respeito aos direitos do homem, às liberdades, à cultura, à democracia. Enquanto o universal parece estar em desaparecimento, a globalização nos aparece como irreversível.

O que primeiro se globaliza é o mercado, os negócios e as trocas de produtos, o fluxo permanente de dinheiro. Os valores são comercializados: o próprio universal se globaliza. A democracia e os direitos humanos, por exemplo, na sua

definição mais reduzida, circulam como qualquer produto mundial: o petróleo e os capitais.

Ao banir o universal como idéia, a globalização torna-se a única instância de referência. A humanidade imanente a si mesma ocupa o lugar de Deus morto. O homem reina sozinho, doravante, mas sem uma razão final.

O universal era uma cultura da transcendência, do sujeito e do conceito, do real e da representação. Havia uma referência natural ao mundo, ao corpo, à memória. O espaço virtual do global é o da tela, da rede, da imanência, do digital, um espaço-tempo sem dimensão.

Segundo Baumann (2.....), o modelo da modernidade é comparável a uma viagem de navio sob a responsabilidade de um comandante com destino previsto e para que se cheguem e salvo basta obedecer às regras. Na contemporaneidade, o modelo é o de um avião supersônico com destino desconhecido cujo comando está contido na caixa preta. Não há regras a seguir e nenhuma garantia de nada. Instaura-se uma insegurança ontológica (Giddens cit Figueiredo,2006).

Na atualidade, liberdade, igualdade e fraternidade além de estarem esmaecidas como referências éticas perderam a utilidade. Se, até há poucas décadas, os direitos humanos podiam ser invocados quando a injustiça e a desigualdade grassavam – e, a bem da verdade, uma imensa parcela da humanidade não gozava e nem goza minimamente destes

direitos – agora é o mercado quem determina os valores. Sai o cidadão, entra o consumidor.

Nunca se produziu tanto e nunca a informação voltada para o consumo foi tão poderosa. Em nenhum tempo a felicidade foi tão diretamente relacionada com o consumo. Os valores tradicionais foram substituídos pela necessidade de ter. Ter passou a significar poder. Atiçada a voracidade humana, criou-se um monstro: nunca tão poucos tiveram tanto e nunca tantos tiveram tão pouco. E os que pouco ou quase nada têm são, na lógica do capitalismo contemporâneo, os que nada podem. Não apenas não podem como não servem nem como produtores nem como consumidores.

A África não ocupa o noticiário internacional nem é objeto de preocupação das grandes potências porque não consome. A disputa em torno do Oriente Médio pode ser acompanhada pelas variações do preço de armamentos e petróleo nas Bolsas de Valores. A exclusão social de grande parte da população só entrou em pauta na medida em que a propriedade privada passou a ser ameaçada. Se o continente africano está morrendo consumido pela desnutrição e pela AIDS, se milhares de civis morrem diariamente em bombardeios, se há milhões de pessoas excluídas que jamais entrarão no mercado isto, na lógica do capitalismo atual, não tem interesse.

Estas novas relações político-econômico-sociais determinam problemas que demandam, em todos os campos, novos

modos do pensar e do fazer pois os modelos que até então vigiam revelam-se insuficientes e inoperantes.

A Psicanálise como um saber que diz respeito ao humano, deve juntar seus esforços aos de outras áreas humanísticas com quem partilha preocupações éticas para a intervenção neste novo cenário. Ela não pode ser indiferente ao seu tempo histórico.

Sujeito/cultura

O sujeito da modernidade vivia num mundo estável, coercitivo, ordenado com rigidezes de identidades. Havia um “percurso” longo mas certo que, apesar de possíveis intempéries, continha o indivíduo em redes sociais seguras e levava-o, caso disciplinadamente obedecesse ao contrato social, a um futuro previsível. Os projetos individuais eram coonestados pelos sociais. As utopias eram possíveis.

Nos tempos atuais, a imprevisibilidade e a instabilidade sociais determinam identidades fluidas e instáveis. O instantâneo toma o lugar do processo. Não se sabe qual o percurso a seguir e não há tempo para se refletir. Tudo é contingente. Há um declínio da disciplina em benefício da iniciativa pessoal. (Ehrenberg, 2002 cit Lins, 2006) Demanda-se do sujeito pronta ação e autonomia exacerbando o individualismo. O futuro é incerto e o risco permanente. Nada é garantido. O sucesso individual pode vir ao acaso e todos com ele sonham em sonhos individuais. “*No lugar da*

velha culpa burguesa e da luta para livrar-se da lei dos pais, surge o medo de não estar à altura dos próprios ideais e a da impotência que se segue.” (Ehrenberg,2002 cit Lins 2006 p.46)

Diante da incerteza, o mercado a capitaliza vendendo ilusões de fama e poder traduzíveis em capacidade de consumo. Em vez das redes sociais tradicionais, temos “nichos” de mercado. Nichos não são ninhos. Não acolhem. Os sujeitos ficam soltos, à deriva, buscando ligações numerosas, rápidas e frágeis. A busca do bem-estar individual toma a dianteira em relação aos vínculos sociais. As utopias desapareceram. Em seu lugar, o crescimento dos fundamentalismos, a xenofobia, a imposição de valores não universais, o desrespeito às diferentes culturas vêm como resposta à fragmentação social e à inexorável necessidade de amparo dos sujeitos. *“Se, no cotidiano moderno, obscuros e monótonos dias assombravam os que procuravam a segurança, noites insones são a desgraça dos livres na pós-modernidade. Em ambos os casos, a felicidade soçobra”.* (Bauman, 1998)

Apesar do pessimismo de Bauman, as novas formas de subjetivação não configuram necessariamente patologias. A fragmentação e o estilhaçamento dos valores tradicionais, incluindo o enfraquecimento do Estado, propiciam, por um lado, a criação de novos, complexos e ricos mosaicos, tanto individuais quanto sociais, impensáveis no mundo moderno: de casamentos homossexuais a ações ambientalistas; por outro, a possibilidade de fracasso para a criação de novos

sentidos se torna muito maior dilacerando e estilhaçando os sujeitos.

Os impactos culturais nos sujeitos fazem parte do legado freudiano. A correlação sujeito/cultura, tratada por Freud em numerosas ocasiões (1913, 1915, 1921, 1927, 1930, 1933,1939), nos propiciou o entendimento de que os processos de subjetivação não são apenas intra-psíquicos e que os grupamentos sociais não são a superposição das psicologias individuais. Sociedade, história e psique humana não podem ser entendidas separadamente. (Castoriadis, 1999)

Em Totem e Tabu (1913), o mito da horda primitiva serve de eixo para esta tematização. Ainda sem o suporte teórico da pulsão de morte, Freud apontou para a fusão do amor e ódio no assassinato do pai da horda e na refeição totêmica. Aí estão presentes, ao mesmo tempo, o aniquilamento do pai e a identificação com ele pela incorporação de sua força. Os processos afetivos estão no centro da constituição social/individual. O contrato social, assim, não foi pensado por Freud como presidido pela racionalidade, como queriam Hobbes, Locke e Kant, mas pelos afetos de amor e ódio. Daí surgiu o pacto democrático fundado na ética: morto o pai, nenhum sujeito teria todos os privilégios em detrimento dos demais. Todos seriam iguais se submetendo à mesma lei. Seria esta que moderaria a rivalidade entre os irmãos.

Em “O mal estar na cultura” (1930), Freud tratou a ética humana como derivada do sentimento de culpa. A ambivalência afetiva em relação ao pai da horda, amado e odiado, e seu assassinato, com a culpa subsequente, criam o lugar da lei como expressão da vontade da fratria mas isto não significa paz. Apesar de sofrermos com nosso corpo “destinado à ruína e dissolução” e com a fúria destruidora da natureza diante da qual somos impotentes, são os vínculos com os outros seres humanos nossa maior causa de sofrimento. (Freud, 1930, p.56) Há uma luta permanente na cultura humana entre a força unificadora de Eros e a hostilidade entre seus membros. Ao sentimento gregário do homem se contrapõe o ódio que o outro desperta por se configurar como obstáculo à descarga pulsional. Esta hostilidade revela a pulsão de morte mitigada e controlada pela “consciência moral”, o superego. O superego, herdeiro do complexo de Édipo, é o portador dos valores da cultura. A renúncia à pulsão agressiva seria condição para a coesão dos grupamentos e fonte pulsional da consciência moral.

Em Freud, portanto, a cultura se faz a partir da renúncia pulsional. A “história genética da consciência moral” é que determina a universalidade da ética humana. Se não há no homem, desde sempre a distinção entre o bem e o mal, há, desde o início, o amor e o ódio. Esta compreensão da constituição sujeito/cultura pressupõe, portanto, a centralidade do Complexo de Édipo: o jogo pulsional amor/ódio e as conseqüências dele advindas, isto é, a

castração, a lei como instituindo o simbólico e a culpa como fundamento da ética, organizadora das relações sociais .

Seria o sujeito contemporâneo regido pela mesma lógica? O mundo moderno com sua rigidez, ordenação, estabilidade, predomínio da racionalidade, favorecia a representação. Não foi à toa que a Psicanálise foi inaugurada, no século XIX, com o discurso histérico, simbólico. A lógica da castração e do desejo preside as psiconeuroses. O conflito psíquico entre a sexualidade e as instâncias críticas produz sofrimento psíquico. O recalque incide sobre a representação ideativa. O corpo histérico encena a fantasia recalcada. Ele é representado. O ato psicanalítico propõe o desvelamento dos conteúdos inconscientes através da interpretação.

Hoje, o cenário é outro. Certamente, Freud muito teria a nos dizer. Suas inestimáveis contribuições, sobretudo a dos últimos anos, contudo, podem nos ajudar a refletir tanto sobre a produção de subjetividades quanto sobre a constituição de grupos sociais.

Recuperando a definição psicanalítica do trauma como uma série complementar na qual estão implicados tanto a realidade material/social quanto a possibilidade ou predisposição psíquica do sujeito, o entendimento freudiano do trauma nos permite perceber a sociedade contemporânea como traumatogênica pelo excesso de excitações, ausência de acolhimento, bombardeamento de imagens que dificultam a reflexão com predomínio do registro de processo primário,

ideais de perfeição inalcançáveis veiculados pelo mercado globalizado.

O mal estar na cultura recobre-se de novas formas e se transmuta. Antes, o sofrimento advinha do sentimento de culpa derivado do complexo de Édipo, do necessário recalque das pulsões agressivas para permitir o pacto social. Suportá-lo era compensado pelo ganho de se estar dentro da sociedade. Agora, o que ocupa a cena é a dor irrepresentável das contínuas perfurações traumáticas, dilaceradoras da necessária constituição narcísica dos sujeitos. Este fenômeno se apresenta de forma pungente no enorme contingente de excluídos sociais.

O sujeito excluído seja ele um indivíduo, grupo ou povo, apresente ele sintoma ou não, sofre ao ser gravemente atingido no seu sentido de existência ou por não atender à lógica do sistema do ter como poder ou por não alcançar os ideais de perfeição. Sua economia narcísica, correlacionada à economia do sistema, é deficitária. Soma-se ao traumático do movimento pulsional, a traumatização social.

O traumático, que sempre preside o funcionamento pulsional pela constante presença da pulsão de morte na sua compulsão à repetição, pode ser estruturante ou patologizante. O trauma deixa de ser estruturante e se torna patológico pela recusa do social em incluir o sujeito deixando-os ao desamparo.¹ Ao desamparo inerente à condição humana, se acresce o

desamparo disruptivo. A angústia do não pertencimento é um sentimento indizível, uma angústia sem nome.

Interface social

Embora, durante algum tempo, muitos psicanalistas tenham dado pouca relevância à preocupação freudiana com o social, na atualidade, mais do que nunca, esta discussão não pode ser ignorada. Além da crítica da contemporaneidade, cabe à psicanálise a elaboração de novas estratégias de atuação psicanalítica no campo da prática individual e social.

Nas suas práticas privadas, os psicanalistas tem se dado conta da incidência de patologias que testemunham os tempos atuais e têm proposto variações técnicas. O que tem sido mais tímido, embora promissor, é o engajamento social de psicanalistas em suas práticas assistenciais.

Vários segmentos sociais, comprometidos com mudanças sócio-históricas, têm diagnosticado que o comportamento dos sujeitos depende não apenas do entorno social mas também do psíquico. Há uma crescente solicitação por intervenções psicanalíticas no espaço público em situações nas quais os sujeitos se encontram em dificuldades. O desafio que se impõe é a elaboração de técnicas psicanalíticas de atuação nestes novos cenários.

Se, classicamente, o sujeito que sofre é aquele que faz a demanda por tratamento, agora são as instituições que “sofrem” ao se depararem com a, muitas vezes, pouca eficácia de seus trabalhos sociais apesar de utilizarem os

recursos de que dispõem. Estas instituições estão preocupadas com os deletérios efeitos da sociedade contemporânea. Buscam, a seu jeito e a seu modo, soluções criativas. Falta-lhes, no entanto, arsenal teórico para a compreensão da modificação pretendida. Assim, reconhecem que a aliança entre os saberes faz-se necessária e por esta razão demandam o trabalho psicanalítico.

Esta abertura para novos cenários e novos atores não significa, por parte dos psicanalistas, abrir mão do rigor dos fundamentos teóricos e de pesquisa psicanalítica. A compreensão da constituição subjetiva indivorciável do social, na esteira do legado freudiano, justifica a busca de desenvolvimentos teórico-técnicos que atendam a estes novos objetos. O PROPIS, programa de psicanálise e interface social da SBPRJ, reúne as iniciativas de seus psicanalistas neste campo.

Na experiência da SBPRJ, a demanda por intervenções psicanalíticas tem sido feita por alguns setores: programas de reinserção social de ex-apenados, pacientes portadores de mucoviscidose, divulgação radiofônica e pela imprensa escrita do saber psicanalítico, atendimento psico-pedagógico a crianças de comunidades de baixa renda. Além disso, alguns psicanalistas da SBPRJ, compreendendo a importância da interface social, formularam intervenções para atenção a pais-bebês e para crianças em idade escolar e seus pais.

Sabemos que cada uma das atividades listadas tem suas especificidades que vão do manejo teórico-técnico até questões éticas. O que as reúne, no entanto, e permite uma abordagem comum é o pressuposto teórico do trauma revisitado na contemporaneidade.

Nos sujeitos atendidos pelo PROPIS, além do excesso pulsional, as repercussões da sociedade traumatogênica são neles agravadas por suas fragilizações que dificultam e/ou corroem as estruturações narcísicas. Doenças crônicas e incapacitantes, exclusão social, desamparo infantil etc implicam numa vulnerabilidade maior aos excessos traumáticos.

O evento traumático é a conjunção dos “excessos” tanto da realidade material quanto da psíquica mantida pela repetição. A dor psíquica experimentada vem pela ausência de sentido, pela impossibilidade de representar. *“O traumático - na condição do sem forma, sem figura e sem sentido - está sempre à espreita no horizonte externo do fazer sentido produzindo, na condição de irrepresentável, intensa dor psíquica”*. (Figueiredo, 2005, p.80).

O ato psicanalítico no que se refere ao traumático, busca propiciar a criação de sentidos. O analista funciona como uma “membrana para-excitatória” para que o sujeito possa estabelecer ligações inscrevendo psiquicamente e transformando em representável o irrepresentável. A criação de sentidos, o “fazer gente” inclui a presença encorpada do

analista, seu acolhimento, sua escuta, sua fala. O analista está lá, corpo e afeto, oferecendo-se como um “espaço analítico transicional”, um “dentro-fora”. O “setting” é portátil pois se materializa na presença viva e vitalizada do analista num face a face que permite espelhamentos narcísicos reparadores. Esta vitalização que emana do analista gera a erotização instituinte das representações.

O trabalho se dá a partir das condições oferecidas pelos sujeitos e pelas instituições. Desse modo, o fazer analítico se dá fora do enquadre habitual dos consultórios, em qualquer espaço, em grupos ou não, com duração e periodicidades contratadas a partir de cada situação. A regularidade e a permanência permitem aos sujeitos confiar e estabelecer uma relação transferencial possibilitadora de mudanças pela criação de novos sentidos de existência.

Ainda que, aparentemente, os programas radiofônicos e os livros editados não se enquadrem na descrição acima consideramos que, também aí, o instrumental psicanalítico produz efeito. A intervenção psicanalítica convida o ouvinte/leitor a refletir, com a suspensão do julgamento moral, sobre novos sentidos para o sentir e o viver. Esta fala/escrita não se confunde com a pedagógica na medida em que não oferece fórmulas ou conselhos. O “texto analítico” funciona como uma rede social de amparo, acolhimento e ressignificações.

Além da flexibilização da técnica considerando a realidade contemporânea e da manutenção do rigor teórico, o PROPIS amplia, com a sua proposta, as possibilidades de atuação dos psicanalistas, enfatizando a dimensão ética da psicanálise e fazendo do ato psicanalítico um ato político.

ANEXO

Comparação entre os ideários da modernidade e da contemporaneidade

ordem e identidade x desvencilhamento da ordem e da identidade

cenário social estável x contingência

projetos coletivos x projetos individuais

rigidez x fragmentação

Comparação entre os registros psíquicos da psicose e do trauma

Lógica da castração e do desejo x excesso traumático

Conflito psíquico x compulsão à repetição

Sofrimento psíquico x dor psíquica

Sexualidade x pulsão de morte

Representação x irrepresentabilidade

Recalque x recusa e clivagem

Verbal x não verbal

Édipo x narcisismo

Notas bibliográficas.

I. As manifestações individuais dos novos tempos traumáticos, a chamada clínica do vazio, drogadições, distúrbios alimentares, uso abusivo de práticas corporais, depressões, pânico, etc tem sido objeto de vasta literatura psicanalítica. Estes modos de existência evidenciam, na singularidade histórica de cada sujeito, as marcas do desamparo traumático provocado pela instabilidade, inconstância, contingência e exacerbação do individualismo na atualidade. Apesar de reconhecermos a importância desta discussão, ela não será focalizada neste trabalho.

BIBLIOGRAFIA::

- BAUDRILLARD, J. *Power inferno*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- CASTORIADIS, C. *Feito e a ser feito. As ebcruzilhadas do labirinto V*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- LINS, M I A. “Depressão: meio ambiente e criatividade”. In: *Rev. Bras. de Psicanálise*, v.39, n.4, 2006, pp41-56.
- FIGUEIREDO, LC “ A questão do sentido, a intersubjetividade e as teorias de relação de objeto”. *Rev. Bras. de Psicanálise*, v.39, n.4, 2006, pp79-88.
- FIGUEIREDO, LC “ Confiança: a experiência de confiar na clínica psicanalítica e no plano da cultura”. Artigo inédito, 2006.
- FREUD, S. “ Totem y tabu” (1913) AE vol.13
“ De guerra y muerte” (1915) AE vol 14
“Psicología de las masas y análisis del yo” (1921)
AE vol 18

“El porvenir de una ilusión” (1927) AE vol 21.

“El malestar en la cultura” (1930) AE vol 21

“Por qué la guerra?” (1933) AE vol 22

“Moisés y la religión monoteísta” (1939) AE vol 23

[

PSYCHOANALYSIS AND SOCIAL INTERFACE: BRAZILIAN PROJECTS

*Liana Albernaz de Melo Bastos, MD**

*Munira Aíex Proença, MD***

Abstract

The authors present five projects of the Program for Psychoanalysis and Social Interface of the Brazilian Psychoanalytic Society of Rio de Janeiro (PROPIS/SBPRJ – BRAZIL), developed together with several social institutions and outside the classical psychoanalytical setting. Despite the setting, these projects centre on sustaining psychoanalytical rigor in technical innovations. The authors believe that projects such as these can contribute to improving mental health and social links in contemporary society.

Key-words: social interface of psychoanalysis, technical innovations, psychoanalytical setting, traumatic society.

* Doctor in Human Sciences and Health; Member of Brazilian Psychoanalytic Society of Rio de Janeiro

** Master in Technological Education; Member of Brazilian Psychoanalytic Society of Rio de Janeiro

Although psychoanalysis, since Freud, has a longstanding interest in culture, more than ever this discussion cannot be ignored. The development of psychoanalytic criticism of the contemporary period allows understanding of the growth of pathologies such as bulimias, drug addictions, and panic syndrome, conditions that are usual in our private practices, as symptoms of the weakness of social links. These criticisms also allow a break from psychoanalysts' timidity towards intervening beyond the traditional analytical setting. New strategies must be created so that psychoanalytic_rigor is kept in the field of the social.

In Brazil there is a growing demand for psychoanalytic interventions in the public space. Many social institutions noticed that their actions were not enough to treat people and asked for psychoanalytical help. The challenge lies in the working out of psychoanalytic techniques for intervention in these new scenarios. Classically the suffering individual has been the one who seeks treatment; now, it is institutions that "suffer" when confronted with the often limited efficacy of their social work, in spite of the employment of available resources. These institutions are concerned with the deleterious effects of contemporary society and they are searching, in their own way and manner, for creative solutions. However, there is a lack of theoretical resources to understand the changes being sought. As a result, there is growing interest in alliances between different fields of knowledge. The understanding that subjectivity is inseparable from the social justifies, on the side of psychoanalysts, the

search for technical-theoretical developments that will provide answers in response to these new interests. For these reasons, psychoanalytic work is being requested in various social sectors in Brazil.

The Program for Psychoanalysis and Social Interface of the Brazilian Psychoanalytic Society of Rio de Janeiro (PROPIS,/SBPRJ) unites the initiatives of its psychoanalysts in this field. At the moment, PROPIS consists of several projects, five of which are described in this field report.

1. Living the City

Project Living the City is a partnership of SBPRJ with the Association House of Arts for Education and Culture (Associação Casa das Artes de Educação e Cultura), an associated institution of a Cultural Point (Ponto de Cultura) by the Ministry of Culture of Brazil. It obtained UNESCO's official seal in 2005 and has been receiving partial financing from Furnas Centrais Elétricas, a Brazilian state company.

The project serves monthly 400 children between the ages of 5 – 15 and social leaders of 10 favela communities in Rio de Janeiro. Many of these children never, or rarely, leave the limits of their immediate neighborhood. This makes it difficult for them to acquire a diversified perception of reality. Feelings of shame for being who they are, of where they live, of not knowing their own and their family's worth constitute symbolic violence, which causes narcissistic injuries that frequently contribute to their not having any attachment to life or to the common good. They feel themselves to be invisible, destitute of humanity and of everything in them that

is unique. It is impossible to maintain one's identity in the absence of feelings of belonging to a group or being visible to others.

Starting from this understanding of social "apartheid" in 2004, a set of alternative acts of social support based on psychoanalytic theory and on the methodology of art-education was created. The program includes operative groups for children and adolescents, guided visits to the city's cultural patrimony, seminars on emotional development and workshops for technical enhancement in art education for adults involved in the project. These activities represent an effort to stimulate the working out of creative solutions to deal with real existential situations, through the emergence of new narratives, with the aim of minimizing the symbolic violence of social exclusion.

2. Living and the Disease

The project Living and the Disease started in 2001, upon request to SBPRJ from the Associação Carioca de Assistência à Muscoviscidose (as Cystic Fibrosis is also known), with aid from the Instituto Fernandes Figueira of the Health Ministry of Brazil, reference hospital of the World Health Organization in the diagnosis and treatment of cystic fibrosis for children and adolescents up to 18 years, to deal with the anxiety that the diagnosis and treatment of Cystic Fibrosis brings.

The strategy of the program occurs in monthly two-hour meetings, in the hospital setting, in an Operative Group, called "*The Wheel of Psychoanalysis*" by the group members,

with a non fixed number of participants, between 10 and 30 adults. During the two-hour meeting members are offered a psychoanalytic listening perspective that is, at the same time, a place of meeting and exchanging of experiences with peers, where doubts, anxiety and also competences can be expressed, as members weave their own histories of their illness.

The Operative Group functions as a protection against the traumatic effects of the discovery of cystic fibrosis in the family, enabling each participant, through the use of the word, to be voice and interpreter of his/her own suffering. In this way, patients gain or recover the capacity to deal more actively with the treatment process and to integrate the care that cystic fibrosis requires for the rest of their lives.

3. Social Agents for Freedom

In 2003 SBPRJ was asked to provide a group program for ex-prisoners of the penal system, participants of a project for social insertion and training proposed and financed by the city of Rio de Janeiro and administered by an NGO. The partnership with SBPRJ was maintained in this format until October 2005, when the NGO had its contract cancelled by the local government of the city of Rio de Janeiro. Since then, the operative group has continued with support from the Worker's Union in Telecommunications of Rio de Janeiro that, besides providing physical space for the meetings, finances transportation for the ex-prisoners.

At present ten ex-convicts, trained by the program and exercising the function of multipliers, each one with other ten

ex-criminal offenders, participate in the operative group. In these three years it is estimated that seventy ex-convicts participated in this pioneer experience that has made it possible for these individuals, receiving psychoanalytic attention, to contain their destructive impulses.

Contacts with businessmen have been made to establish financial partnerships, and efforts are being made to include a law project in this program of social inclusion for ex-convicts. The re-offending rate in criminality falls from 80% (data supplied by the Ministry of Justice) to 13% for those who have participated in the program for social reinsertion. In the operative group coordinated by a psychoanalyst the re-offending rate has been zero.

4. Infant-Parent Clinic

The Infant-Parent Clinic is a project connected to the Social Clinic of the Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Its activities take place at the head office of SBPRJ with the contribution of 16 psychoanalysts. Since April 2004 a bimonthly study group with the staff's psychoanalysts has been giving talks open to professionals involved with the first years of infancy. Joint psychotherapeutic consultation – from pregnancy to the baby's 18 months – was started in March 2005 and aims to be continuous. Sessions are immediate – given the urgency in this clinic – weekly, focal and short term.

The purpose of the Infant-Parent Clinic is to offer consultation to the low income infant-parent population facing difficulties and/or suffering, giving priority to care and adopting a three-pronged approach: prevention, early

diagnosis, and therapy. The clinic also creates space for multidisciplinary discussion centered on this theme, with health professionals working with first infancy through study groups, lectures and courses from a psychoanalytic perspective.

The significance of this project is in offering pioneering treatment to a population that has never been the therapeutic focus of psychoanalysis. Further, the aim has been to promote deeper understanding of this new therapeutic approach, and greater integration of the Psychoanalytic Society with the non-psychoanalytic professional community, including through obtaining data for study and research.

5. Listen and Think

The project Listen and Think is a partnership of Sociedade Brasileira de Psicanálise of Rio de Janeiro with the Radio of the Ministry of Culture of Rio de Janeiro. It was initiated in October 2001 and includes the transmission of recorded or live broadcasts on Radio MEC-RJ. The program touches on themes of everyday life: family, social and professional, in an accessible language, aiming to disseminate psychoanalytic views.

The radio program is structured in the format of a round table discussion with a psychoanalyst and two guests, professionals from various areas, chosen by the staff, in affinity with the weekly topics. The programs broadcast were selected and presented in congresses, national and international seminars, and papers were written and presented in round tables, posters (printed and auditory) and in a CD in

four languages (Portuguese, the English, French and Spanish). The program “Listen and Think” is available on the following sites: SBPRJ, SBPSP and the ONG Viva Rio, in charge of the broadcasting of the entire program through the community Radio Viva Favela.

Throughout the two years of the “Listen and Think” project, the program has been broadcast by the Supreme Court of Justice of Brasília. In 2008, transmission will also take place in the cities of Fortaleza, in the State of Ceará, and Fernandópolis, in the State of São Paulo, through local university radios.

Conclusions

The activities gathered together in the PROPIS pave the way for new scenarios and new actors, without giving up the rigor of the theoretical foundations of psychoanalytic research. We are aware that each activity presents its own specificity that ranges from theoretical-technical to ethical issues. What unites these projects and allows a common approach is the theoretical assumption that trauma is revisited in the conditions of contemporary society. (Bastos, 2006a, p.58)

The psychoanalytic definition of trauma as a complementary series in which material/social reality as well as the possibility or psychic predisposition of the subject is implied allows us to perceive contemporary society as traumatogenic through its excess of excitements, its absence of response, the bombarding of images that make reflection

difficult, and unattainable ideals of perfection conveyed by the globalized market.

Besides the excess of drivenness, one observes in the subjects cared for by the PROPIS, the engraved echoes of the traumatogenic society . Chronic and incapacitating diseases, infantile helplessness, and conditions associated with poverty imply a greater vulnerability to traumatic excesses. (Bastos&Proença, 2007, p.210)

The traumatic event is a conjunction of the “excesses” found in material reality, as well as in the psychical, maintained by repetition. Experienced pain is due to the absence of meaning and to the incapacity of representation. “The traumatic – in the condition of absence of form, absence of figure and meaning – is always on the watch on the external horizon of making sense, and, in the condition of the unrepresentable, produces intense psychic pain”. (Figueiredo, 2005, p. 80)

With regard to the traumatic, the psychoanalytic act seeks the creation of meanings. The analyst functions as a “containing excitatory membrane” that enables the subject to establish links and to transform the unrepresentable into the representable. The creation of meanings includes the bodily presence of the analyst, his/her acceptance, analytic listening, and speech. The analyst is there, body and affect, offering him/herself as a “transitional analytic space”, an “outside-inside”. The “setting” is portable since it materializes in the analyst’s live and vitalized presence in a face-to-face that permits healing narcissistic mirroring. This vitalization that emanates from the analyst creates the erotization that sets up

representation. (Bastos, 2006b, pp119-187) Therapeutic work is established according to conditions of the subjects and of their institutions. Thus, analytic doing can be carried out beyond the habitual frame of the consultation office—in any space, in groups or not, with the length and periodicity arranged according to every situation. Regularity and permanence allows the subjects to trust and to establish a transference relationship that will permit changes through the creation of new meanings of existence.

In the various activities of the PROPIS, all of these conditions are taken into consideration. Even though the broadcasting programs and the edited books do not fit in the above description, we consider that these, too, are psychoanalytic tools that produce results. The analytic intervention invites the listener/reader to reflect, while suspending moral judgment, about new meanings for feeling and living. This speech/writing is not to be compared with the pedagogic as it does not offer formulas or advice. The “analytic text” works as a social net of support, of acceptance and re-signification.

Besides the flexibility of technique and the maintenance of theoretical rigor, PROPIS, with its various projects, augments possibilities for the scope of action for psychoanalysts, emphasizing the ethical dimension of psychoanalysis and making of the psychoanalytic act a political act.

References

Bastos, L A M. & Proença, MA (2007). Psicanálise e Interface social. *Trieb*, V (2) pp.205-220.

Bastos, L A M. (2006). Exclusão social: aspectos traumáticos da violência. *Rev. Bras. de Psicanálise*, 39 (4) pp. 57-60.

Bastos, L A M. (2006). *Corpo e subjetividade na medicina: impasses e paradoxos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Figueiredo, L C (2006). A questão do sentido, a intersubjetividade e as teorias de relação de objeto”. *Rev. Bras. de Psicanálise*, 39 (4) pp.79-88.

PSICANÁLISE E INTERFACE SOCIAL: EXPERIENCIA EM FAVELAS DO RIO DE JANEIRO

*Maria Teresa Naylor Rocha**

• NOTA PRÉVIA

As idéias que se seguem devem ser consideradas em processo de elaboração e, apesar de ser a única responsável por elas, na verdade sinto-me uma co-autora deste trabalho. Ele consiste numa reflexão sobre uma prática social educativa realizada com moradores de 10 favelas da cidade do Rio de Janeiro. A tentativa de teorização tem como base meu olhar clínico de psicanalista e a troca de experiências com os parceiros da Associação Casa das Artes e com as lideranças sociais das 10 comunidades. Somos todas autoras, como o são as crianças que participaram deste projeto entre 2003 e 2005.

• UMA A REALIDADE

É imenso o número de pessoas que, apartadas da vida social e cultural de sua cidade, sentem-se relegadas à condição de invisíveis sociais, que não teriam nada a dizer e de quem nada teríamos a escutar.

A estruturação da sociedade em nosso país se deu de modo violento e se assentou sobre grandes desigualdades sociais. Existe um abismo entre o Brasil formal dos cidadãos e o dos não-cidadãos.

Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.
mtnrocha@terra.com.br

As bases de construção da cidade do Rio de Janeiro não foram diferentes. Aos trabalhadores de baixa renda coube assentar-se nos morros e na periferia da cidade. A pobreza somou-se ao despreparo do Estado e, nas últimas décadas, a situação tornou-se crítica.

Temos, por um lado, crianças amedrontadas, solitárias e inseguras, apesar de economicamente privilegiadas. Por outro lado, no “outro Brasil”, o sentimento de vergonha das crianças de serem quem são, de onde moram, de não saberem seu próprio valor e o de suas famílias constitui grande violência à capacidade simbólica.

Vivemos um modelo de “apartheid” social.

Nas comunidades de baixa renda, crianças e adolescentes encontram poucas atividades atraentes a que possam ter acesso; muitos nunca ou raramente saem dos limites de onde moram, alguns nunca foram a cinema, teatro e exposições de arte.

A relação que estabelecem com a cidade formal é, ao mesmo tempo, estranha e cobiçada, proibida e idealizada.

Partindo desta compreensão, criamos em 2003 um conjunto de ações alternativas de assistência, apoiadas na teoria psicanalítica e na metodologia da arte-educação (projeto VI VENDENDO A CIDADE). Tais atividades visam estimular a elaboração de soluções criativas para lidar com situações existenciais reais, mediante a emergência de novas narrativas, o que –acreditamos– tem como consequência minimizar a violência à capacidade simbólica decorrente da exclusão social.

As comunidades de baixa renda no Brasil são, freqüentemente, vistas como locais de risco. Não que a pobreza aliada à falta de oportunidade social não gere a situação de risco. Porém, cristalizar esta equação acarreta sua perpetuação e enormes distorções preconceituosas.

Depoimento de uma liderança social participante do VI VENDO A CIDADE ilustra o problema: “temos que desconstruir a idéia corrente de que a criança moradora da favela será um criminoso no futuro”. Jailson de Souza, ex-morador da favela da Maré e atual coordenador do Observatório Social de Favelas argumenta que, quando uma criança de classe média dança ou faz teatro é para aprimorar sua humanidade; quando uma criança da favela faz o mesmo é para se livrar do tráfico.

- **UM LEME**

É um grande desafio compreender a inter-relação entre mundo interno e mundo externo, mas sabemos que será nesta tensão que cada um estabelecerá os processos identificatórios essenciais a seu desenvolvimento.

Nosso momento histórico é caracterizado por grandes comoções sociais e de crise profunda de nossas instituições. A complexidade do mundo contemporâneo exige a elaboração de modelos capazes de dar conta das demandas sociais e do adoecimento individual.

Este é um desafio para todas as áreas do saber, inclusive para a psicanálise.

Evidentemente, os fenômenos sociais são de difícil solução e seria um erro crasso atribuir todas as questões

complexas da contemporaneidade a causas psicológicas. Por outro lado, não podemos nos furtar a utilizar as ferramentas que a psicanálise nos oferece para tentar compreender a realidade e, indo mais além, cremos ser nosso dever ético contribuir para tentar solucionar nossos graves problemas sociais.

Freud criou uma obra rica e libertária que, em sua evolução, muitas vezes é contraditória. No século XXI, precisamos discutir que conceitos freudianos abandonar, quais transformar e quais preservar para avançar teoricamente e na prática, tanto na clínica individual quanto na interface com o social.

Carlos Alberto Plastino fornece um detalhado exame das transformações sofridas na obra freudiana e seu progressivo afastamento do paradigma moderno. Sigamos este autor.

Nos anos 20, Freud se deparou com a insuficiência do conceito do Princípio de Prazer para compreender a complexidade do psiquismo. Suas descobertas relativas ao narcisismo, à compulsão à repetição e ao masoquismo o forçaram a reformular sua teoria.

A mudança conceitual será em termos de pensar a ligação pulsional (processo primário transformado em processo secundário) não mais como um processo intelectual, consciente e pré-consciente, mas se deslocando para o terreno dos afetos. Como diz Plastino, “não será o pensamento lógico e sim o gesto amoroso, ação de Eros, que opera a ligação pulsional, o despertar de Eros é operado pelo “olho no olho” (p 118).

Freud sempre considerou os processos inconscientes como diferentes dos pré-conscientes. Porém, de acordo com Plastino, foi somente a partir da concepção da participação do inconsciente no processo de conhecimento, que Freud pôde conceber a identificação primária e a compreensão do papel constitutivo da relação com os semelhantes. A partir daí, sua teoria incorpora a comunicação inconsciente, que atribui a processos exclusivamente afetivos, como fundamental para a construção do sujeito.

Assim, Freud ultrapassa tanto os estreitos limites epistemológicos da modernidade quanto a radical separação entre natureza e cultura e entre corpo e psiquismo. “O sujeito é pensado como constitutivamente social, não sendo possível pensá-lo nem à margem da sociedade, nem à margem da natureza (...) se para o paradigma moderno o sujeito precede a sociedade, na concepção da teoria psicanalítica os processos de *subjetivação* e de *socialização* são indissociáveis” (p 137).

A partir desta compreensão, conseguimos avançar com a análise de crianças e da psicose, assim como com as possibilidades de aplicação da psicanálise em contextos diversos.

Bion foi um teórico expressivo nesta evolução. Entre seus conceitos, os que me parecem úteis para nosso trabalho de interface da psicanálise com o social, através da cultura e das artes, gostaria de destacar o de identificação projetiva realista, como forma primitiva de comunicação intersíquica, sua concepção sobre a intuição, suas hipóteses para a

aquisição da capacidade de conhecer e o conceito de continente e contido.

Bion afirma que a comunicação baseada no “sinta o que eu sinto” constrói um conhecimento que nasce da experiência emocional e que não é acessível à investigação através dos sentidos.

O desenvolvimento da capacidade de intuição ocorre através de operações continuadas de integração e desintegração que, por sua vez, geram condições de continência interna dos conteúdos psíquicos, em evoluções cada vez mais complexas. Os conteúdos psíquicos, desta forma, impulsionam novas experiências de conhecimento. Essa construção de apreensão do real com base no que, no princípio, foi sensorial depende de introjeções por identificações primárias, que acabam por conferir um sentido ao vivido.

Podemos aproximar a essa concepção do psiquismo, a idéia de maravilhamento de Bachelard? Ele nos fala que o sonhador acredita que entre ele e o mundo há troca de olhares, como no duplo olhar do amado e da amada, e mais, que só conhecemos o outro se o imaginarmos.

Ainda segundo Bion é determinante, para o processo de compreensão e de aprendizagem, a maior ou a menor capacidade de tolerar a dor da frustração frente à realidade.

Anne Alvarez agrega, às condições apontadas por Bion para pensar, a função provocadora da experiência nova e interessante que desperta a curiosidade e a atenção para o pensamento e a aprendizagem.

Desde os primórdios do desenvolvimento, o mundo é uma provocação que impõe enorme trabalho à imaginação para compreendê-lo. Nesse estado de devaneio exploratório, somos afetados pelo mundo ao mesmo tempo em que o criamos e sabemos de nós.

Esse estado de tempo de artista e de cientista atento, que já se encontra nos bebês, perdura por toda a vida. São essas as falas dos poetas e das crianças que fomos e que nos fazem conscientes de uma existência real num mundo igualmente real.

A psicanálise, portanto, contribui enormemente para o entendimento da complexidade do homem contemporâneo pela concepção de um inconsciente originário que produz um pensar sem a participação da lógica da linguagem, mas que possui sentido. Este conhecimento intuitivo, construído a partir do que inicialmente foi senso-percepção, e presente desde o início da vida, necessita do investimento libidinoso do semelhante para o despertar das funções de Eros, assim como da função provocadora da experiência nova para despertar a capacidade de pensar.

Com base nesta compreensão da construção do sujeito, podemos afirmar que a condição de não-cidadania constitui experiência mutiladora para o processo de humanização individual e grupal. Podemos também, com base nestes conhecimentos, desenvolver práticas de intervenção social, não negligenciando as emoções inconscientes como constitutivas dos fenômenos sociais.

- **UM OUTRO LEME**

Para a realização de práticas de interface da psicanálise com o social seria interessante maior pesquisa no campo da sociologia. Apesar do necessário aprofundamento, gostaria, de forma breve, de pontuar algumas noções do pensamento de Alex Honneth que também servem de leme para o projeto VI VENDENDO A CIDADE.

Honneth foca seus estudos no processo de construção social da identidade, no sentido de que há um nexo entre a experiência de reconhecimento e a relação consigo próprio.

Para ele, há um entrelaçamento da categoria de identidade pessoal e desrespeito social, e estabelece 3 formas de reconhecimento para a formação da identidade. Seriam elas a relação primária (amor e amizade), a jurídica (direito) e a comunidade de valores (solidariedade).

O primeiro reconhecimento estaria inscrito na dedicação emotiva, através de relações de amor geradoras de autoconfiança. Devemos entender por amor todas as relações emocionais fortes com início nas parcerias primárias entre pais e filhos, visando uma bem sucedida forma de ligação afetiva com outras pessoas.

O reconhecimento jurídico visa a circunstâncias elementares de todo sujeito poder ser considerado portador de alguns direitos, quando reconhecido socialmente como membro de uma coletividade. A ordem jurídica depende de um acordo racional entre indivíduos em pé de igualdade e se funda na assunção da imputabilidade moral de todos os seus membros.

A terceira forma de reconhecimento seria a solidariedade. Interessante notar que o autor, ao falar de solidariedade nas sociedades modernas, realça o pressuposto de “relações sociais de estima simétrica entre sujeitos individualizados (e autônomos). Relações dessa espécie podem se chamar “solidárias” porque elas não despertam somente a tolerância para com a particularidade da outra pessoa, mas também o interesse afetivo por essa particularidade” (p. 210).

Portanto, em nosso atual modelo de “apartheid” social, tornar alguém invisível socialmente é projetar sobre ele preconceitos e estigmas, é destituí-lo de sua humanidade e de tudo que nele é singular. Desta forma, podemos avaliar a magnitude dos efeitos da negação social, quando crianças e adultos incorporam o lugar de segregados sentindo que o bem comum não é para todos. São experiências que podemos assemelhar a vivências traumáticas.

Outra consequência da condição de invisibilidade é dada pela aplicação diferenciada da lei de acordo com a classe sócio-econômica e cor. Assim procedendo, não é possível se pensar em direitos e sim em privilégios de alguns, pelo exercício de poder de uma minoria.

• **BRINCAR, DEVANEAR E TRANSFORMAR**

Winnicott concebe a função do brincar como área intermediária da experiência entre a desilusão e a ilusão de que tudo pertence ao bebê. Ao brincar, a criança interage e diferencia a fantasia da realidade e se comunica consigo mesma e com o mundo.

Anne Alvarez analisa e questiona a histórica função do brincar como controle, fuga ou triunfo frente à realidade. Para ela, o valor da brincadeira está no prazer de brincar. Ela ressalta a capacidade da mãe de ativar e colocar a criança em estado de alerta. Esta função provocadora, presente na experiência da brincadeira, desperta a curiosidade e possibilita ter deleite com a vida.

Será que podemos estender essas reflexões do campo individual para os traumas decorrentes do “apartheid” social? A ferida narcísica advinda do sentimento de impotência e de vergonha, a perda da auto-estima oriunda da privação da convivência com o aparato social e cultural podem se assemelhar às condições de privação nas histórias de indivíduos?

Nestas circunstâncias, o aparato social não cumpre sua função de continente para favorecer condições ao desenvolvimento pessoal e grupal, nem tampouco o mundo se apresenta como referência provocadora para estimular a curiosidade.

O brincar é uma forma de pensar e promotor de tranqüilidade e prazer, o que se assemelha ao devaneio que, para Bachelard, tem relação direta com a imaginação das crianças.

A construção da imaginação na infância se faz através de intensos momentos de investigação, materializados nos jogos de fricção e construção, que são em grande parte inconscientes. Este trabalho necessita de continente para as forças internas que entram em ação.

É de grande importância para a criança o sentimento de possuir, de se sentir potente, de se sentir capaz de fazer algo para alguém, ou fazer algo com seus pensamentos. Na brincadeira, a criança experimenta, com o auxílio da fantasia, sua imaginação criadora e poder transformador.

Simões, estudando a obra de Bachelard, esclarece que o filósofo não considera a imaginação como simples registro passivo de experiência e que a imagem não é apenas capturada pela visão. A imaginação material resgata o valor da “mão que sonha” e trabalha para produzir novas sintaxes e novos jogos de signos. Cada ação humana no mundo é um ato de criação. Desta forma a experiência estética acarreta transformação.

Vergara compreende o fenômeno artístico como uma experiência que catalisa o sujeito para a reflexão por potencializar uma relação sensível entre o dentro e o fora, o particular e o público. A imaginação e a interpretação das diferentes manifestações artísticas criam um sentido compartilhado que orienta a construção de nossa subjetividade.

Contemporaneamente a noção da arte como campo de transformação pôde ser estendida para pensar a própria cidade. Argan, um historiador da arte, concebe as cidades como sendo feitas de elementos que podem se oferecer como imagem à nossa percepção. Não somente como um agregado social, mas como linguagem – uma obra de arte - a ser decodificada.

A cidade não é somente espaço dos monumentos, mas também espaço urbano histórico, composto de um espaço

psíquico para cada indivíduo. É espaço de realização de diferentes manifestações culturais e produções científicas; com sua geografia, com sua proposta urbanística e sua gente que, por sua vez, estabelecem relações que modificam e redefinem continuamente seus espaços.

• TRANSFORMAÇÃO

O VI VENDO A CIDADE iniciou suas atividades em 2003 para atender a demanda de lideranças sociais, preocupadas com o isolamento e desconhecimento dos espaços públicos das crianças moradoras em suas comunidades. A repercussão desta iniciativa é testemunhada nos depoimentos das crianças: “nunca pensei que pudesse entrar num lugar tão bonito”, “pensei que sendo de comunidade seria barrada”, “fiquei impressionada com as pinturas; hoje aprendi coisas que podem servir para o meu futuro”, “aqui esqueço um pouco da violência que existe lá na comunidade”.

Em 2004, estabelecemos parceria com a Associação Casa das Artes de Educação e Cultura, organização sem fins lucrativos e que tem como objetivo gerar alternativas culturais para a vida de crianças e jovens que vivem em situação de risco social em comunidades de baixa renda.

Atendemos mensalmente a 400 crianças de 5 a 15 anos e a lideranças sociais de 10 comunidades de favelas da cidade do Rio de Janeiro.

Nosso objetivo é estabelecer pontes de convivência entre as áreas de nossa cidade e, desta forma, estimular o reconhecimento mútuo de nossas humanidades.

Utilizamos a metodologia da arte-educação de pesquisa nas linguagens visuais, musical e corporal, a partir do confronto entre o interesse identificado na comunidade, a produção contemporânea e a história e desafios da linguagem abordada.

Ela possibilita provocar em cada um o sujeito de criação, não só como produtor de uma obra artística, mas para estender esta potência transformadora a suas existências.

Exercitamos esta função provocadora na visita guiada e nas oficinas. Estas atividades visam atingir um conhecimento baseado em sentir, imaginar, fazer, significar, envolvendo todo o sistema de afetos que organiza e redimensiona as sensações corporais, mediadas pela relação afetiva de confiança com os arte-educadores. Através desta forma criativa e investigativa, acreditamos que as crianças possam se conectar com o mundo e possibilitar maior condição de lidar com suas alegrias e tristezas.

Durante as visitas guiadas e as oficinas posteriores, as crianças constroem novas narrativas com base na experiência sensória. Esse movimento de integração e crescimento dialógico entre sua subjetividade e a obra de arte propicia a abertura de perspectivas de uma nova compreensão de si e do mundo e reafirma a convicção de que brincar é uma forma de pensar.

• CONCLUSÃO

Mezan, estudando as práticas e pesquisas no campo da psicanálise aplicada, realça a importância de seguirmos as mesmas regras de qualquer outra análise, formulando

hipóteses plausíveis e testando-as para verificar se são coerentes.

Como psicanalista não posso deixar de me concentrar sobre a dimensão inconsciente do objeto assim como de conceber que os objetos de satisfação das pulsões libidinais só existem na e pela cultura.

Freud, em 1932, pontua para Einstein seus métodos indiretos à prevenção à guerra. Diz ele que, frente ao instinto destrutivo, será necessário contrapor-lhe o seu antagonista, Eros, isto é, fornecer o estreitamento de vínculos emocionais entre os homens através de relações amorosas com o semelhante e da produção de identificações que levam os homens a compartilhar de interesses comuns a todos.

Nesta perspectiva –acredito- se inserem as ações do VI VENDO A CIDADE. Através de suas atividades, temos o objetivo de propiciar diferentes identificações e vínculos emocionais, visando à construção de novas narrativas sobre identidade pessoal e grupal, visibilidade e pertencimento social, preconceito, racismo etc.

Em relação às repercussões destes 3 anos de atividades, o depoimento das lideranças são alimento à esperança. Suas palavras são mais expressivas que qualquer tentativa de conclusão teórica.

“No início deste projeto, as crianças não estavam acostumadas a saírem da comunidade. Pareciam não se importar com o que viam. Agora elas estão curiosas, querem saber mais, parecem mais interessadas pelas coisas que acontecem a sua volta, inclusive na escola”.

“As crianças vivem fechadas num mundinho onde só ouvem funk, vêem drogas e convivem com armas. Tendo a possibilidade de sair para conhecer a cidade podem criar horizontes diferentes. Elas podem saber que a cidade também pertence a elas, que podem passear e que fazem parte da população da cidade”.

“Lá de cima do morro as crianças só conhecem a paisagem da cidade. Isso é incrível sendo o Rio de Janeiro uma cidade que atrai tantos turistas. Elas viam de longe o mar. Agora elas puderam sentir e pensar nossa cidade de forma diferente”.

“O assunto das rodas de conversa mudou, passou de qual o defunto do dia para ser alguma coisa que viram nas exposições”.

“Quando, durante os concertos, vi nossas crianças pegando instrumentos que até então não conheciam, com naturalidade e curiosidade, pensei: criança é criança em qualquer lugar que estejam. O que difere é se damos oportunidades ou não para elas”.

“A produção de uma música durante a oficina deu a elas o orgulho de serem moradoras de Parada de Lucas. Sentiram que falar de sua comunidade como lugar a ser cantado lhes deu a idéia de lá ser um lugar bom, lugar de sua moradia e que assim podiam falar de si com orgulho”.

Gostaria de finalizar com o depoimento de uma liderança que se encontra, temporariamente, afastada do projeto por ter voltado a estudar. “O projeto mudou minha vida e das crianças. Há 16 anos trabalho em educação e

nunca tinha tido acesso à cultura. Agora estou com maior possibilidade de trabalhar com as crianças”.

• **BIBLIOGRAFIA-**

ALVAREZ, A. Beyond the unpleasure principle: some preconditions for thinking through play. *J. Child Psychotherapy*. 1988, vol. 14. nº 2.

_____. *Companhia viva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

ARENDT, R. J. J. Rio cidade invisível, in VILHENA, J.; CASTRO, R. V. & ZAMORA, M. H. (org) *A cidade e as formas de viver*,. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

ARGAN, G. C. *História da Arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BACHELARD, G. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BION, W. R. *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

_____. Supervisão. 1967, mimeo.

_____. Uma teoria sobre o processo de pensar in: *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

DOLTO, F. *Tudo é linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

FREUD, S. (1920). *O ego e o id*. Edição Standard Brasileira, vol.XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1930). *Além do princípio de prazer*. Edição Standard Brasileira, vol.XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1937). *Análise terminável e interminável*. Edição Standard Brasileira, vol.XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. (1937). *Sobre a guerra*. Edição Standard Brasileira, vol.XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

HONNETH, A. *Luta por reconhecimento*. São Paulo: Editora 34, 2003.

HUNT, L. Revolução Francesa e vida privada in: *História da vida privada*, vol. IV. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

KARASCH, M. C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808 -1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KOTLIARENCO, A. & RIOS, A.C. Juventud y violencia: cambios en la perspectiva de vida in RIZZINI, I.; ZAMORA, M. H. & CORONA, R. F. (org). *Niños y adolescentes creciendo en contextos de pobreza, marginalidad y violencia en América Latina*. Rio de Janeiro: Ciespi, 2005.

LAQUEUR, T. *Making Sex, Body and Gender from the Greeks to Freud*. Harvard University Press, 1994.

LIMA, S. *Arte e transformação social – alguns pensamentos*. Mesa-redonda: Educação para uma cultura solidária. Teia - Ministério da Cultura. São Paulo: mimeo 2006.

MEZAN, R. *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

OZ, A. *Contra o fundamentalismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

PAVLOVSKY, E. *Reflexiones sobre el proceso creador*. Buenos Aires: Proteo, 1976.

RIZZINI, I. *O século perdido, raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil*. Rio de Janeiro: USU Editora Universitária, 1997.

ROCHA, M. T. N. Experiência e Construção, in: *Arte, Cultura e Cidadania Caderno VI*. Rio de Janeiro, Centro Cultural Banco do Brasil, 2003.

SIMÕES, R. L. M. *Imaginação Segundo Gaston Bachelard*. Dissertação de Mestrado. UERJ, 1999.

SOARES, L. E.; MV Bill & ATHAYDE, C. *Cabeça de porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SOUZA E SILVA, J & BARBOSA, J. L. *Favela – alegria e dor na cidade*. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2005.

TOSCANO, G. H. T. Calidad de vida de niños, niñas y jóvenes en Argentina. in RIZZINI, I.; ZAMORA, M. H. & CORONA, R. F. (org). *Niños y adolescentes creciendo en contextos de pobreza, marginalidad y violencia en América Latina*. Rio de Janeiro: Ciespi, 2005.

VENTURA, Z. *Cidade partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VERGARA, L. G. Anotações e reflexões: rituais de iniciação à arte, cultura e patrimônio, in: *Arte, Cultura e Cidadania Caderno VII*. Rio de Janeiro, Centro Cultural Banco do Brasil, 2004.

WINNICOTT, D. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

INVISÍVEIS SOCIAIS*

*Flavia Costa Strauch***

“Decorre da natureza dos fatos que, no histórico de nossos casos, devemos prestar atenção tanto às condições puramente humanas e sociais de nossos pacientes quanto aos dados somáticos e aos sintomas de distúrbio. Antes de tudo, nossos interesses se voltarão para as circunstâncias familiares dos pacientes” (Freud).

A psicanálise, em sua tradição freudiana, privilegia as questões intrapsíquicas. Entretanto, seus seguidores incluíram, de forma diferenciada, o meio ambiente como fator importante na constituição da personalidade do indivíduo.

Estudos e pesquisas de diferentes autores têm sinalizado as marcas indeléveis na psique, tanto no âmbito pré como no pós-natal dos bebês, (Berry & Cramer, 1992). Atualmente, pensa-se o ser humano em sua totalidade, ou seja, sempre em relação com o seu semelhante.

Sendo assim, as problemáticas atuais da psicanálise clamam por um processo adaptativo aos novos tempos. Discuti-las é

* Reelaboração do trabalho apresentado no VI Congreso Argentino de Psicoanálisis. Mendoza, maio 2006.

** Membro associado da SBPRJ (Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro).

reconhecer a inadiável interlocução do saber psicanalítico com o social.

Instada pelo agravo da pressão do mundo capitalista neoliberal e convencida de que a psicanálise pode contribuir para a promoção de uma prática mais afinada com as aspirações imediatas da população, a SBPRJ criou o Propis (Programa Psicanalítico de Interface com o Social), que há mais de dez anos atua nessa linha.

Há três anos a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro implantou um projeto pioneiro de inserção e capacitação de egressos do sistema penal, tendo escolhido duas ONGs para gerenciá-lo, uma das quais convidou a SBPRJ para formar parceria.

Impulsionada pela oportunidade de ampliar para além do consultório o entendimento psicanalítico, aceitei coordenar o grupo de ex-presidiários nos últimos dois anos, desde 2004. Ainda que tenha sido cancelado o contrato entre a ONG e a prefeitura, mantivemos os encontros em outro local, a pedido do grupo remanescente.

A marginalização e a sua vertente criminal, a marginalidade com suas nefastas conseqüências, são questões que dizem respeito a toda a sociedade. Seu combate demanda um conjunto de ações em diferentes áreas que envolvem não só o poder público, mas todas as esferas sociais que podem colaborar para dirimi-las. O entendimento de que apenas

ações coercitivas – ainda que necessárias – são insuficientes para lidar com o problema tem levado vários segmentos sociais a buscarem outros modos de atuar nessas questões. A exclusão social a que são relegados os egressos do sistema penitenciário no Brasil e, particularmente, no Rio de Janeiro constitui 80% da causa da reincidência no crime, conforme dados do Ministério da Justiça.

Nossa participação veio aliar-se a essa rede de ações já propostas e em curso. A psicanálise apresenta-se como uma opção privilegiada para a escuta dessas questões excluído/incluído, uma vez que, no plano mental, a diversidade e a singularidade têm cedido espaço para a globalização em detrimento da universalidade, o pensamento único contrapondo-se à pluralidade.

Considerando que o pensamento surge do confronto de idéias e a ética, do reconhecimento do outro como outro (Kezen & Marinho, 1998), a psicanálise é, portanto, um instrumento valioso de auxílio na conquista dessas postulações caras ao ser humano.

No que diz respeito à atividade que desenvolvo com os egressos, em grupo operativo, busca-se produzir interações, a partir de histórias próprias, com vistas à elaboração de uma história relacional entre nós, ainda que assimétrica, que alicerce “novas narrativas” (Golse, 2003). Pois, à medida que se fala, são criadas condições para a formação de elos e para um novo possível. Identificam-se angústias, muitas vezes

impeditivas, provocadas pelos novos papéis a serem por eles desempenhados no projeto e decorrentes de múltiplas situações que se retroalimentam.

O preconceito da sociedade, que os rotula, potencializa a baixa auto-estima, reforçando a vivência de marginalidade e invisibilidade social a que sempre estiveram condenados. Somam-se a isso a pouca escolaridade, a ausência de uma profissão, o escasso convívio social, além do desconhecimento de si e do outro, o baixo limiar de suportabilidade à frustração, as dificuldades em respeitar regras, o desestímulo ao aprendizado escolar, o temor de não corresponder às exigências propostas, o pouco equilíbrio emocional para conciliar uma nova vida com o assédio de ex-parceiros de delitos, o desafio de se fazerem respeitar pelos familiares, o receio de não alcançar a credibilidade almejada e, sobretudo, de não sustentar a mudança propiciada pelo projeto.

Uma observação importante é que todos os egressos desse grupo estão sob o regime condicional, o que dificulta sobremaneira o ingresso no mercado de trabalho formal.

Entrar em contato com essas pessoas pós-encarceramento, propiciando mudanças em suas vidas, desmonta concepções culturais prévias, como a de que são seres irrecuperáveis, tanto social como psiquicamente.

As primeiras reuniões foram difíceis para todos nós. Desconheciam a psicanálise e o que uma psicanalista poderia oferecer-lhes concretamente, uma vez que requerem necessidades básicas. Querelantes, à vezes era-me impossível manter a reunião dentro de um critério mínimo de convivência grupal, como ouvir o que o outro estava falando, por exemplo. Tamanhos os conflitos e discussões deflagrados entre eles.

Mudanças de diferentes ordens se fizeram imperiosas. Do uso da técnica – pela dificuldade em traduzir as comunicações em uma compreensão do inconsciente –, passando pelo “setting” – que mudava conforme a disponibilidade de espaço e o revezamento dos integrantes do grupo, uma vez que as entradas no projeto ocorriam a cada três meses, tendo a maioria seus contratos renovados –, às vivências contratransferenciais perturbadoras, que por vezes paralisavam minha capacidade de pensar, ao ouvir relatos de práticas violentas vividas e impingidas por eles aos outros.

Indistintamente, relatam precárias condições de vida, em que abandono, maus-tratos, explorações diversas, abusos os mais torpes, fizeram e fazem parte de suas existências. Com forte sentimento de vazio emocional, parece que a criminalidade deu suporte ao preenchimento de seus anseios, na esperança de conquistarem um lugar (Strauch, 2005).

“Doutora, a minha tia que ficou recolhendo no chão, desesperada, os miolos do filho de 12 anos morto pela

polícia. Ela ficou como? Enlouqueceu e acabou morrendo de overdose.”

O declarante dessa triste história, comum entre os egressos, foi um dos pioneiros desse projeto, denominado Agentes da Liberdade. Ele criava a prima, órfã dessa tia, e era o membro mais antigo e atuante do grupo de reflexão. Infelizmente, enquanto estive no congresso da Argentina, em maio passado, ele morreu de forma trágica, tendo sido assassinado por ex-comparsas.

“Doutora. depois que desfilei com uma AR-15 no morro, o que passei a ganhar de mina! Até minha mãe me tratou melhor. Porque eu tinha dinheiro. Quando caí, não me visitou na prisão.”

Foi preciso acionar do âmago do meu ser toda a sensibilidade disponível e, principalmente, a lucidez para confrontar as diferenças, compreendê-las e dar-lhes significado, de modo a estimular a curiosidade dessas pessoas em relação a uma possível conversa entre nós.

As tentativas de organizar os encontros de forma disciplinar foram vãs. Elas acirraram o descontentamento de alguns, que questionavam a obrigatoriedade de participar do grupo. Contrariando as ordens institucionais, deixei-os livres para escolher integrar ou não o grupo. Todos aderiram.

Imbuída de perseverança hercúlea e pressionada pelo desafio da função, utilizei estratégias de aproximação, ao perguntar pelo fim de semana, demarcar ausências, sinalizar as feições tristes e/ou alegres, instituir rituais de entrada e saída do grupo, bem como confraternizações visando a estimular a coesão grupal. E, assim, lentamente caminhamos rumo à conquista de um espaço de liberdade e criação interativa.

As histórias pessoais pouco diferem entre si. A maioria passou por instituições para adolescentes infratores, cedo se tornaram pais mantendo-se solteiros, ou seja, sem constituir família. Há quase uma unanimidade com relação aos problemas familiares, sendo uma constante a ausência da figura paterna, aliada à pobreza e ao alcoolismo. Somam-se histórias de drogas, abandono, analfabetismo, orfandade e desemprego, que desenham o perfil dos jovens infratores em questão. É uma conjectura “polifatorial”.

Isso corrobora a pesquisa de adolescentes em situação de risco conduzida no Chile por Kotliarenco y Ríos, citadas por Strauch (2005). Elas consideraram a presença de quatro ou mais fatores ambientais com influência no processo de adaptação do bebê. Esses fatores, como pobreza, desavença familiar, violência, abuso sexual, de drogas e álcool, falta de escolaridade, gravidez, desemprego etc., aumentam a probabilidade de resultados psicossociais negativos em etapas posteriores.

Winnicott (2002) já afirmava ser a existência de uma carência a raiz do comportamento anti-social. As figuras da lei, do

castigo e do papel de juiz atribuídas ao pai, no conflito edípico, são de suma importância e implicam renúncia e recalque de pulsões anti-sociais e criminais. A razão disso é que o temor possibilita abdicar da onipotência, regida pelo princípio do prazer, e aceitar o princípio da realidade, inserindo o sujeito no círculo de troca social (Freud, 1920/1973).

Entretanto, o descumprimento do pacto social, principalmente em relação ao trabalho, que medeia o sujeito com a sociedade, fere seu senso de equidade e justiça, além de semear descrença e revolta.

Sabe-se que uma estrutura mental saudável requer a continuidade de figuras cuidadoras, uma interação em que as necessidades e particularidades sejam respeitadas para a constituição de um eu verdadeiro e um ego sintônico.

Para atingir essas criaturas em sua humanidade e sensibilidade, tem sido mister senti-las e ouvi-las como seres cuja trajetória rumo ao desenvolvimento mental foi interrompida. E esse tem sido um grande desafio em tal cenário e demanda!

Winnicott (2002) chama a atenção para a necessidade humana de ampliação dos círculos de cuidado e de espaço a fim de que o indivíduo possa oferecer sua contribuição. Alerta também que esses círculos representam o colo da mãe, seus braços e sua preocupação.

Em nosso terceiro encontro, ao chamar pelo nome um dos participantes do grupo de egressos, à época em número de 33 pessoas de ambos os sexos e travestis, a reação foi de surpresa e contentamento. “*Doutora, a senhora sabe meu nome?*” Desse simples ato, porém importante reconhecimento identificatório, emergiu uma incipiente camaradagem entre nós.

Diante do imenso grupo altamente desfavorável à nossa atividade, foi preciso desenvolver a cada encontro formas de convivência e atuação. Por exemplo, uma vez por mês promovi palestras sobre os mais variados temas escolhidos por eles, com a participação de toda a equipe da ONG e dos “usuários do projeto que não alcançaram a categoria de agentes. O grupo de reflexão contemplava apenas os agentes, que funcionam como multiplicadores junto aos outros usuários, que também são egressos. Os agentes dão apoio aos usuários, acompanhando-os na regulamentação dos documentos, na questão de moradia, no reencontro com a família etc.

Por vezes, é impossível manter empatia com as questões abordadas, em busca de entendimento, e ao mesmo tempo afastar-me delas – “justa distância” Bouvet,(1985), citado em (Golse, 2003) –, para formalizar uma devolução nos moldes psicanalíticos.

A realidade perversa imposta a essas pessoas faz com que elas formem uma capa de insensibilidade que as protege de

mais sofrimento. Conseqüentemente, ficam embrutecidas. E sem lar para repousar suas mentes, agem.

Bowlby e Ainsworth, citados por (Strauch, 2005), consideram que a maneira como os pais correspondem aos anseios da criança por sua companhia tem efeitos de longo alcance sobre a personalidade. É através da família ou seu substituto que se adquire a competência para tornar-se sócio da sociedade humana. E, assim, adequar-se ao “princípio da realidade”. Ou seja, conviver cooperativamente com os outros e cumprir a exigência imperativa da sociedade.

A ausência da lei da cultura ou o seu rompimento produzem efeitos catastróficos na mente e na conduta do indivíduo. Essa lei é introduzida pelo pai ou seu equivalente. Não havendo a contenção dos impulsos, eles se libertam e implantam as condições extra e intrapsíquicas para uma epidemia de criminalidade, como sintoma da patologia social (Pellegrino, 1984).

No trabalho com esse estrato da sociedade, tenho percebido que a psicanálise, fundada em uma outra cultura – burguesa – e incrustada numa comunidade intelectual específica, possui tamanha abrangência que, mesmo num campo adverso à sua formulação e atuação, tem sido possível vislumbrar novas vias de facilitações e continência das emoções. *“Doutora, lembrei das nossas conversas aqui e aí resolvi deixar para lá.”*

Uma das conseqüências imediatas da inclusão desses egressos na vida produtiva, além da redução da reincidência em 13%, segundo estatística do Núcleo de Direitos Humanos da Prefeitura, tem sido a assunção da cidadania compreendida como direitos e deveres sociais. Desacelera-se vertiginosamente o crescimento do contingente de excluídos, exclusão que abrange as condições socioeconômicas e emocionais, atingindo a sociedade com um todo.

Ressalte-se o valor dessa atividade em camadas populacionais que habitualmente não têm acesso à psicanálise, assim como a abertura de um campo de estudo e pesquisa em um dos possíveis panoramas de interface da psicanálise com o social.

Bibliografia

Berry, B. T. & Cramer, B. G. (1992). *As primeiras relações – Psicologia e pedagogia*. São Paulo: Martins Fontes.

Freud, S. (1973). *Mas alla del principio del placer*. In: S. Freud, *Obras completas* (L. Lopez-Ballesteros & De Torres, trads. 3a ed., Vol. 3, pp. 2507-2541). Madrid: Biblioteca Nueva. 1919-1920 [1920].

Golse, B. (2003). *Sobre a psicoterapia pais--bebê: Narratividade, filiação e transmissão*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kezen, J., Marinho, F., Marinho, N. (1998). *A formação no início e ao final do século: Inércia e criatividade – uma reflexão*. Relatório oficial da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. XVII Pré-Congresso Didático Fepal/98.

Pellegrino, H. (1984). *Psicanálise da criminalidade brasileira: Ricos e pobres*. Folhetim, de outubro de 1984. Texto Mimeografado.

Strauch, F. C. (2005). *Invisibilidade social e trauma psíquico*. Trabalho apresentado no Simpósio 2005 da SBPRJ. não publicado.

Winnicott, D. W. (2002). *Privação e delinqüência*. São Paulo: Martins Fontes.

EJE TEMÁTICO: COMUNIDAD Y CULTURA*

INVISIBLES SOCIALES

Flavia Costa Strauch **

“ Resulta de la naturaleza de los hechos... que, en el histórico de nuestros casos, debemos prestar tanta atención a las condiciones puramente humanas y sociales de nuestros pacientes cuanto a los datos somáticos y a los síntomas de disturbio. Ante todo, nuestros intereses se volverán para las circunstancias familiares de los pacientes...” Freud (1905 a).

El psicoanálisis en su tradición Freudiana privilegia las cuestiones intra-psíquicas. Entretanto, sus seguidores incluyeron, de manera diferenciada, el medio ambiente como factor sustancial en la constitución de la personalidad del individuo.

Estudios e investigaciones de distintos autores han señalado las marcas indelebles en la psique, tanto en el ámbito pre como postnatal del bebé humano. Actualmente se piensa el ser humano en su totalidad, es decir, siempre en relación con su semejante.

*Trabajo para la selección del VI Congreso Argentino de Psicoanálisis - Mendoza - Mayo 2006.

** Miembro Asociado de la SBPRJ (Sociedad Brasileña de Psicoanálisis de Río de Janeiro.)

Asimismo, las problemáticas actuales del psicoanálisis claman por un proceso adaptable a los nuevos tiempos. Discutirlas es reconocer la impostergable interlocución del saber psicoanalítico con el social.

Instada por el agravio de la presión del mundo capitalista neoliberal y, convencida de que el psicoanálisis puede aportar para la promoción de una práctica más armonizada con las aspiraciones inmediatas de la población, la SBPRJ engendró actividades, hace más de diez años, de interface con lo social, el ProPIS (Programa Psicoanalítico de Interface con lo Social).

Hace tres años una pionera propuesta de la Intendencia de la ciudad de Río de Janeiro de inserción y capacitación de egresos del sistema penal seleccionó a dos ONGs para conducir ese proyecto y, una de ellas invitó la SBPRJ para formar sociedad.

Impulsada por la oportunidad de ampliar, más allá del consultorio, el entendimiento psicoanalítico, acepté coordinar el grupo de ex-presidarios en los últimos dos años, desde el año 2004. Aunque el contrato de la ONG con la Intendencia haya sido cancelado, mantuvimos los encuentros en otro local a pedido del grupo remanente.

La marginalización y su vertiente criminal, la marginalidad y sus nefastas consecuencias son temas que dicen respecto a toda la sociedad. Su combate demanda un conjunto de acciones en diferentes áreas que envuelven no solamente al

poder público, pero sino también a todas las fuerzas sociales que puedan ayudar a anularlas. El entendimiento de que apenas acciones coercitivas - sin embargo necesarias - son insuficientes para lidiar con el problema, ha llevado varios segmentos sociales a buscar otros modos de actuar en estos temas. La exclusión social a la cual son relegados los egresos del sistema penitenciario en Brasil y, particularmente en Río de Janeiro, constituye el 80% de la causa de la reincidencia criminal, conforme datos del Ministerio de Justicia.

Nuestra participación vino a sumarse a esta red de acciones ya propuestas y en curso. El psicoanálisis ofrece una posición privilegiada en la escucha de esos temas excluido/incluido, una vez que en el plano mental la diversidad y la singularidad han encontrado obstáculos en pro de la globalización en lugar de la universalidad - pensamiento único en contraposición a la pluralidad.

Considerando que el pensamiento surge de la confrontación de ideas y de la ética por el reconocimiento del otro como otro, el psicoanálisis por tanto es una potente herramienta en el auxilio de la conquista de estas postulaciones caras al ser humano.

Con respecto a la actividad que desarrollo con los egresos, en grupo operativo, he buscado producir interacciones advenidas de la raíz de historias propias para la elaboración de una historia relacional, aunque asimétrica – entre

nosotros - que cimente nuevas narrativas, Golse (2003). Pues a medida que se habla, se estructura la condición de formación de eslabones y se abre para un nuevo posible.

Identifíquese que las angustias, muchas veces impeditivas, provocadas por los nuevos papeles que serán desempeñados, por estos sujetos, en el proyecto advienen de múltiples situaciones que se retro-alimentan.

El prejuicio de la sociedad que les rotula favorece la baja auto-estima, reforzando la vivencia de marginalidad e invisibilidad social a que siempre estuvieran condenados. Sumase a eso la poca escolaridad, la ausencia de una profesión, la escasa convivencia social, más allá del desconocimiento de sí y del otro, el bajo nivel de tolerancia a la frustración, las dificultades en respetar reglas, el desestímulo al aprendizaje escolar, el temor en no corresponder a las exigencias propuestas, el poco equilibrio emocional para conciliar una nueva vida con el asedio de ex-compañeros de delitos, el desafío en hacerse respetar por los familiares, el recelo en no lograr la credibilidad anhelada y, sobre todo, sustentar el cambio brindado por el proyecto.

Una observación importante es que todos los egresos de este grupo están bajo el régimen condicional, lo que dificulta sobremanera el ingreso en el mercado de trabajo formal.

Entrar en contacto con esas personas tras-encarcelamiento, auspiciando cambios en sus vidas, derriba concepciones previas culturales, como la de que son seres irrecuperables tanto social cuanto psíquicamente.

Las primeras reuniones fueran difícilísimas para todos nosotros. Desconocían el psicoanálisis y lo que un psicoanalista podría ofrecerles concretamente una vez que exigían necesidades básicas.

En muchas oportunidades era imposible para mí mantener la reunión dentro de un criterio mínimo de convivencia grupal, como escuchar lo que el otro estaba diciendo, por ejemplo. Tamaño los conflictos y discusiones deflagrados entre ellos.

Cambios de distintos órdenes se hicieron imperiosos. Del uso de la técnica pasando por el “setting” a las vivencias perturbadoras contratransferenciales que por veces paralizaban mi capacidad de pensar y razonar, al oír relatos de prácticas violentas vividas y endilgadas a los otros, por ellos.

“Dra., y mi tía que se quedó recogiendo en el piso, desesperada, el cerebro de su hijo de doce años muerto por la policía. ¿Cómo se quedó ella? Se enloqueció y se termino muriendo de sobredosis”.

“Dra., después que desfilé con un AR-15 en la favela, usted no puede imaginar cuantas ‘minas’ me gané. Hasta mi

madre me empezó a tratar mejor. Porque yo tenía plata. Cuando caí en cana, ni me fue a visitar en la cárcel.”

Fue necesario accionar, en el interior de mi ser, toda sensibilidad disponible y, sobre todo la lucidez para confrontar las diferencias, comprenderlas y significarlas de manera tal que estimulase la curiosidad de esas personas a favor de una posible charla entre nosotros.

Los intentos de organización de los encuentros, con cuño disciplinar, fueron en vano. Ellos provocaron el descontentamiento de algunos, que cuestionaban la obligatoriedad institucional de participar del grupo. Contrariando las ordenes institucionales, los dejé libres para que eligieran unirse o no al grupo. Todos se adhirieron.

Imbuida de perseverancia hercúlea y presionada por el desafío de la función, fue creando estrategias de acercamiento al preguntar por el fin de semana, demarcar ausencias, señalar los aspectos tristes y/o alegres, al instituir rituales de entrada y salida del grupo y, confraternizaciones con estímulo a la cohesión grupal.

Y así lentamente caminamos rumbo a la conquista de un espacio de libertad y creación interactiva.

Las historias personales poco se difieren entre sí. La mayoría pasó por instituciones para adolescentes infractores, temprano se hicieron padres conservándose solteros, o sea, sin constituir

familia. Hay casi una unanimidad en cuanto a los problemas familiares en los cuales la ausencia de la figura paterna asociada a la pobreza y al alcoholismo es una constante. Se suman historias de drogas, abandono, analfabetismo, orfandad y desempleo que diseñan el perfil de esos jóvenes infractores en cuestión. Es una conjetura “poli-factorial”.

Lo que corrobora la pesquisa de adolescentes en situación de riesgo conducida en Chile por Kotiarencó y Ríos (2004) sobre los factores que aumentan la probabilidad de resultados psicosociales negativos en etapas posteriores. Ellas consideraron la manifestación de cuatro o más elementos ambientales como: pobreza, desavenencia familiar, violencia, abuso sexual, de drogas y alcohol, falta de escolaridad, embarazo, desempleo, etc, influyentes en el proceso de adaptación del bebé.

Winnicott (2002) ya afirmaba ser la existencia de una carencia a la raíz del comportamiento antisocial.

La importancia de las figuras de la ley, del castigo y del papel del juez imputado al padre, en el conflicto edípico, implican renuncia y recalque de pulsiones antisociales y criminales. La razón de eso es que el temor posibilita abdicar de la omnipotencia, regida por el principio del placer y aceptar el principio de la realidad, insertando el sujeto en el círculo de intercambio social. Freud (1913).

Entretanto, el incumplimiento del pacto social, principalmente con relación al trabajo, que media el sujeto con la sociedad, ofende su sentido de equidad y justicia, y siembra descreencia y revuelta.

Es sabido que una estructura mental saludable requiere la continuidad de figuras cuidadoras, una interacción en la cual las necesidades y particularidades sean respetadas para la constitución de un yo verdadero y un ego sintónico.

Para alcanzar estas criaturas en su humanidad y sensibilidad, ha sido fundamental sentirlas y oírlas como seres cuya trayectoria, rumbo al desarrollo mental, fue interrumpida. ¡Y ese ha sido un grande desafío en ese tipo de escenario y demanda!

Winnicott (2002) llama la atención sobre la necesidad humana de ampliación de los círculos de cuidado y de espacio en donde el individuo pueda ofrecer su contribución. Alerta también que esos círculos representan el regazo de la madre, sus brazos y su preocupación.

En nuestro tercer encuentro al llamar por nombre uno de los participantes del grupo de egresos, en la época con un número de treinta y tres personas de ambos los sexos y travestís, la reacción fue de sorpresa y satisfacción. *“¿Dra., usted sabe mi nombre?”*

De este simple acto, sin embargo importante reconocimiento identificador, emergió una incipiente camaradería entre nosotros.

Ante el inmenso grupo altamente desfavorable a nuestra actividad, se hizo necesario crear a cada encuentro formas de convivencia y actuación. Por ejemplo; una vez por mes he promovido palestras sobre los más variables temas elegidos por ellos con la participación de todo el “staff” de la ONG.

Mantener empatía con los temas abordados, en busca de entendimiento y al mismo tiempo alejarme de ellos, “justa distancia”, Bouvet (1985) para formalizar una devolución en los moldes psicoanalíticos, por veces es imposible.

La realidad perversa impuesta a estas personas hace con que ellas críen una capa de insensibilidad que las protege de más sufrimiento. Consecuentemente se embrutecen. Sin lugar para reposar sus mentes, actúan.

En el trabajo con ese estrato de la sociedad, he percibido que el psicoanálisis basado en una otra cultura – burguesa - e incrustado en una comunidad intelectual específica, tiene tamaña magnitud que mismo en un campo adverso a su formación y actuación, ha sido posible vislumbrar nuevas vías de facilitaciones y continencia de las emociones. *“Dra. Me acordé de nuestras charlas aquí y ahí resolví olvidar.”*

Una de las consecuencias inmediatas de la inclusión de esos egresos en la vida productiva, más allá de la reducción de la reincidencia en 13%, según estadística del Núcleo de Derechos Humanos de la Intendencia, ha sido la asunción de la ciudadanía comprendida como derechos y deberes sociales. Desacelerándose vertiginosamente el crecimiento del contingente de excluidos, exclusión esta que abarca las condiciones socio-económicas y emocionales, atingiendo a la sociedad como un todo.

Resáltese el valor de esa actividad en capas poblacionales que habitualmente no tienen acceso a psicoanálisis y la apertura de un campo de estudio y pesquisa en uno de los posibles panoramas de interface del psicoanálisis con lo social.

Bibliografía:

Brazelton T. Berry y Bertrand G. Cramer – La Relación más Temprana – Sicología y Pedagogía. Ed. Martins Fontes. Sao Pablo. 1992.

Bouvet, M.–1985- en Golse, B. Sobre la Psicoterapia Padres-Bebe: narratividad, filiación y transmisión. Colección I Infancia, Casa del Psicólogo Librería y Editora Ltda. Sao Pablo. 2003.

Bowlby, John – El Apego – Tomo I - Sicología y Pedagogía. Ed. Martins Fontes. 1984.

- Pierda – Tomo III- Sicología y Pedagogía. Ed. Martins Fontes. Sao

- Pablo. 1984.

Freud, Sigmund – Fragmento del Análisis de un Caso de Histeria (1905 a). SE 7:7-122.

- Los Dos Principios Del Funcionamiento Mental - 1910-1911. Tomo II

- Editorial Biblioteca Nueva. España. Madrid.1973.

- La Disolución Del Complejo -1924. Tomo III.

Golse, Bernard – Sobre la Psicoterapia Padre-Bebe: narratividad, filiación y transmisión. Colección I Infancia, Casa del Psicólogo Librería y Editora Ltda. Sao Pablo. 2003.

Katliarenco, Angélica.A. y Rios, Ana. C. – Juventud Y Violencia; Cambios En La Perspectiva de Vida. En Niños Adolescentes Creciendo en Contexto de Pobreza y Marginalidad Y Violencia en América Latina. 2004. CIEPSI. PUC. Río de Janeiro.

Waquant. Löic, - Prólogo: ¿Un viejo Problema en el Nuevo Mundo?

- Epílogo: Marginalidad en el Tercer Milenio. En Los Condenados de la Ciudad. Ed. Revan. 2001.

Winnicott, Donald - Adolescencia. La Familia y la Madurez Emocional. En: Familia y Desarrollo del Individuo. Ed. Interlivros de Minas Gerais Ltda. 1965.

- Privación y Delincuencia. Ed. Martins Fontes. Sao Pablo, 2002.

- El Jugar y la Realidad. Ed. Imago. 1975.

Resumen para el VI Congreso Argentino de Psicoanálisis.
Problemáticas Actuales En Psicoanálisis

Eje: Comunidad Y Cultura

Título : Invisibles Sociales

Autora: Flavia Costa Strauch

Resumen para el VI Congreso Argentino de Psicoanálisis.
Problemáticas Actuales en Psicoanálisis

Eje: Comunidad y Cultura

Título : Invisibles Sociales

Autora: Flavia Costa Strauch

La marginalidad es una repercusión que exige cada vez más la participación de nuevos actores más allá de las medidas

coercitivas - necesarias - para hacer frente a la cuestión de la criminalidad.

La SBPRJ (Sociedad Brasileira de Psicoanálisis de Río de Janeiro), a través de la PropPIS - Programa Psicoanalítico de Interfase con el Social - firmó un contrato de asociación con una de las ONGs responsables por la capacitación e inclusión social de egresos del sistema penal creado por la Intendencia de la ciudad de Río de Janeiro.

Hace dos años trabajo voluntariamente dentro del vértice psicoanalítico, con estos egresos, en un grupo operativo.

Darles voz y visibilidad viene siendo nuestro desafío.

Semanalmente, durante hora y media, buscamos construir nuevas narrativas, en forma de libre asociación.

La anulación del contrato no enfrió el grupo remaneciente. Mantuvimos nuestros encuentros en un espacio cedido por un sindicato local.

La propuesta del texto es mostrar que el psicoanálisis puede contribuir con otros saberes, formando una red de acciones facilitadoras para una población habitualmente sin acceso a una escucha diferenciada y comprometida con el desarrollo de la capacidad de pensar antes de actuar.

— — —